



Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Artes Visuais

SHAYDOH TOMAZ DA SILVA

**CONSTRUINDO PARA DESCONSTRUIR:
EXPLORANDO O REPERTÓRIO VISUAL NO ENSINO DO
DESENHO**

Brasília – DF
2018

SHAYDOH TOMAZ DA SILVA

**CONSTRUINDO PARA DESCONSTRUIR: EXPLORANDO O
REPERTÓRIO VISUAL NO ENSINO DO DESENHO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Artes Visuais do Departamento de Artes, habilitação em licenciatura, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília (UnB) como parte dos requisitos para a obtenção da licenciatura em Artes.

Orientadora: Profa. Dra. Cinara Barbosa de Sousa

Brasília – DF

2018

Universidade de Brasília (UnB) Instituto de Artes (IDA) Licenciatura em Artes
Visuais.

Banca examinadora composta por:

Profa. Dra. Cinara Barbosa de Sousa (Orientadora)
Profa. Dra. Rosana de Castro (Cordenadora de graduação)
Prof. Dr. Luiz Carlos Pinheiro Ferreira IDA/ UnB

FICHA CATALOGRÁFICA

TOMAZ, Shaydoh.

CONSTRUINDO PARA DESCONSTRUIR: EXPLORANDO O REPERTÓRIO
VISUAL NO ENSINO DO DESENHO – Brasília, 2018.

58f.

Monografia (Licenciatura em Artes Visuais) – Universidade de Brasília,
Brasília, 2018. Orientador: Profa. Dra. Cinara Barbosa de Sousa.

1. Desenho, ensino. 2. Repertório visual. 3. Desenho de observação
imagens.

Endereço: Universidade de Brasília. Campus Universitário Darcy Ribeiro – Asa
Norte. Brasília – DF – Brasil. CEP 70910-900.

Site: <<http://www.ida.unb.br>>.

SHAYDOH TOMAZ DA SILVA

**CONSTRUINDO PARA DESCONSTRUIR: EXPLORANDO O REPERTÓRIO
VISUAL NO ENSINO DO DESENHO**

Trabalho apresentado ao Curso de Graduação em Artes Visuais do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília – UnB como parte dos requisitos para a obtenção do título de licenciado.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Cinara Barbosa de Sousa IDA/ UnB – Orientadora

Profa. Dra. Rosana de Castro IDA/UnB

Prof. Dr. Luiz Carlos Pinheiro Ferreira IDA/ UnB

Brasília - DF, 20 de novembro de 2018.

*Dedico este trabalho a todos que
contribuíram direta ou indiretamente em
minha formação acadêmica.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, a quem devo minha vida.

As pessoas que amo, que sempre me incentivaram e compreenderam nos momentos difíceis.

A orientadora Profa. Dra. Cinara Barbosa de Sousa que teve papel fundamental na elaboração deste trabalho, obrigado.

Em especial, o meu querido pai, Francisco José da Silva, que com muita luta me deu a oportunidade de ser educado e não desistiu de mim, fazendo o possível e o impossível para que eu chegasse onde estou.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo a valorização do ensino do desenho na escola através da utilização de imagens artísticas, de forma a explorar e construir um repertório visual por parte do aluno. Com isto, busca-se incentivar a prática do desenho, desenvolvendo no educando o hábito de observar, despertando princípios de produção artística. Como desdobramentos, temos o propósito de desconstruir concepções acerca do desenho ideal, que, como ideias pré-concebidas a partir de um repertório baseado na tradição clássica, parecem bloquear tanto experimentações quanto a compreensão do desenho de maneira ampliada, assim como sua criatividade e vontade de se expressar através da arte.

Consideramos que o desenho ajuda no processo cognitivo do aluno, no desenvolvimento da imaginação, e sua prática permite explorar em uma auto-compreensão. Somando a exposição de imagens com o exercício do desenho de observação é possível romper a barreira do “não sei desenhar!” - termo comum no meio discente – e levá-los a um nível mais amplo desta linguagem.

Palavras-chaves: Desenho, ensino, repertório visual, desenho de observação, imagens.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Exemplo de como funciona o repertório visual na mente.....	14
Figura 2 - Shaydoh tomaz, desenho de observação, caderno do artista.	17
Figura 3 - Shaydoh Tomaz, Desenho de observação em caneta esferográfica, 19	
Figura 4 e 5 - Shaydoh Tomaz, Desenho de observação em grafite, caderno do artista.	20
Figura 5 - Shaydoh Tomaz, Desenho de observação pátio da CONAB-DF.	22
Figura 6 -Desenho de vaso grego extraído da obra Pitture di vasi fittili.	24
Figura 7 - Anatomia humana, de Leonardo Da Vinci (1509-1510).	25
Figura 8 e 9 - Pablo Picasso, Galinha com pintos - 1938 e Galo novo - 1942. ...	27
Figura 9 e 10: Ilustração botânica.....	29
Figura 10 - Geórgia Kiryakakis, Continentes, 2002/2006. Técnica: grafite sobre papel, 35 x 45 cm.....	31
Figura 11 - Primeira reunião com alunos do período integral do CEF – 02 de Planaltina - DF. Fonte: Fotografia do autor.....	35
Figura 12 - Alunos mostrando interesse na aula de desenho de observação...	36
Figura 13 - Aluna executando a atividade proposta.....	37
Figura 14 -Aluno participando como modelo vivo.	38
Figura 15 - Desenho do aluno Thiago Daniel, ensino fundamental I.	39
Figura 16 - Alguns alunos não se identificaram em seus desenhos.	40
Figura 17 - Desenho do aluno Arthur Ribeiro do 6º ano do ensino fundamental.	41
Figura 18 - Desenho dos alunos do 6º ano do ensino fundamental.	42
Figura 19 - Onze litografias de “Touros”, de Pablo Picasso, 1945.	44
Figura 20 - Pablo Picasso. Desenho sem título, c. 1922. Lápis sobre papel, 42 x 31 cm, do caderno de esboços nº 77, p. 28. Coleção privada. FONTE: site do Pinterest, Disponível em: https://br.pinterest.com e https://rodrigovivas.wordpress.com	47
Figura 21 - Pablo Picasso. Desenho sem título, c. 1922. Lápis sobre papel, 42 x 31 cm, do caderno de esboços nº 77, p. 28. Coleção privada. FONTE: site do Pinterest, Disponível em: https://br.pinterest.com e https://rodrigovivas.wordpress.com	48
Figura 22 e 22: Retrato de Graça Aranha e A samaritana, 1911, óleo s/ tela.	49

Figura 23 - Esboço para A Negra, 1923.	50
Figura 24 -Tarsila do Amaral, "Lago", Nanquim, 12 x 18 cm. FONTE: site do Pinterest, Disponível em: https://br.pinterest.com	51
Figura 25 e 26 - Edith Derdyk Rasures III – 1998	52
Figura 26 - Letícia Grandinetti Objetos empilhados, 2010 Grafite sobre papel 31 x 20,5 cm. FONTE: Portfólio digital da artista, disponível em: http://periscopio.art.br	53
Figura 27 -Letícia Grandinetti Série "Mapas", 2016 Fotografia 44 x 32 cm. .	54
Figura 28 - Geórgia Kiryakakis, Continentes, 2002/2006. Técnica: grafite sobre papel, 35 cm x 45 cm. Fonte: Fotografia de Geórgia Kiryakakis.....	55
Figura 29 -Figuras 29 - Geórgia Kiryakakis, Continentes, 2002/2006. Técnica: grafite sobre papel, 35 cm x 45 cm. Fonte: Fotografia de Geórgia Kiryakakis. .	56
Figura 30 - Hollywood Africans, 1983. Fonte: Imagens do Google.....	57
Figura 31 - Eyes end Egg, 1983. Fonte: Imagens do Google.....	58
Figura 32 e 32 - Caderno de desenho, circa /1940, carvão sobre papel e 1942 carvão sobre papel 23,0 x 34,0 cm. Fonte: OSTROWER, Fayga. Caderno de desenhos.....	59
Figura 33 - Caderno de desenho, circa /1940, bico de pena sobre papel 23,0 x 34,0 cm.	60
Figura 34 - Gravura de Água Forte, Água Tinta e Ponta Seca sobre papel – 1958 – Fayga Ostrower – Museu de Arte do Rio de Janeiro – RJ – Brasil.	60

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 - A IMPORTÂNCIA DA CONSTRUÇÃO DO REPERTÓRIO IMAGÉTICO NO ENSINO DO DESENHO	13
CAPÍTULO 2 - O DESENHO DE OBSERVAÇÃO	17
2.1 O corpo observado e representado através da história da arte.....	23
2.2 A Paisagem observada e representada através do olhar artístico.	28
CAPÍTULO 3 - OFICINA DE DESENHO PARA ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II	32
CAPÍTULO 4 – METÓDO	44
4.1 Construindo para desconstruir.....	44
4.2 Ampliando o repertório visual	46
CAPÍTULO 5 – PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DO DESENHO	62
5.1 O Projeto Educativo: “CORPO”	62
5.2 Metodologias de Ensino:	62
5.3 As Aulas:	63
5.4 Recursos didáticos:	64
5.5 Objetivo:	65
5.6 Bibliografia proposta:.....	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS	68
ANEXO 1	70

INTRODUÇÃO

O desenho é luta contra o tédio, sim; mas contra o próprio conceito de tédio. O tédio é uma ilusão que preenche a morte das pessoas, ou seja, o vazio. O desenho deve ser uma verdade que escapa de dentro da vida das pessoas; algo que, ao sair de dentro, deixa-as refeitas de segredos e pulsões.

Fernando Chuí

Meu interesse pela área das artes vem desde minha infância, onde meu maior passatempo era desenhar, tentava reproduzir as imagens de revistas, fotos de família e meus desenhos favoritos da TV, e filmes sobre artistas que me encantava quanto mais eu treinava mais eu melhorava e era uma válvula de escape para o mundo que me cercava, um mundo de abusos, solidão e bullying. Nunca me senti um aluno inteligente e nunca fui o melhor da turma, mas saber desenhar me fazia sentir que era bom em alguma coisa.

No decorrer da minha vida escolar não foram que me inspiraram a entrar na academia, mas sim a forma falha e sem graça que as aulas de arte eram ministradas aos alunos. O que para mim era a melhor aula para o restante era hora do recreio, talvez esse seja o motivo de querer me tornar um professor de arte, ser um professor diferente ou pelo menos tentar ser.

O desenho como forma de expressão primeiro, na exploração da imagem vem sendo investigado acerca dos princípios do que os originam e motivam. Desenhar é aquilo que se pode exprimir a partir do que é concebido na mente, um projeto, um sentimento, uma emoção, é a tentativa de tradução daquilo que se vê.

Desde a infância somos persuadidos a abandonar a prática de se expressar através do traço. Considera-se que todos possuem a capacidade de desenhar e de aprender, mas com as interferências e influências de situações diversas da vida, esquece-se dessa prática, bloqueando não somente sua criatividade, mas também o olhar, o perceber e o observar.

Nas escolas, a falta de tempo e a sobrecarga de salas abarrotadas de alunos com uma extensa grade curricular, aliadas à escassez do ensino de leitura da imagem e dos recursos essenciais para a educação fazem com que o professor de arte não trabalhe a leitura de imagens e a linguagem do desenho com mais profundidade.

Este TCC surge a partir de algumas observações feitas através do projeto realizado em uma escola pública, com oficinas de desenho ofertadas a alunos do ensino fundamental II do horário integral.

No primeiro capítulo é retratada a importância da construção do repertório visual no ensino do desenho. Mostra como o ser humano se manifestou através da imagem desde os primórdios de sua existência, como teve a necessidade de expor através de registros gráficos àquilo que via e observava. Ao tratar deste assunto aqui, temos a intenção de mostrar como a construção do repertório visual auxilia no ensino do desenho e como esse repertório ajuda o aluno a se permitir e se interessar por essa linguagem.

No segundo capítulo, veremos a definição de desenho de observação. Este procedimento utilizado consiste na ferramenta principal e motivadora na aprendizagem do desenho, aplicada nas oficinas de desenho que deu origem a esse TCC.

No terceiro capítulo, aborda-se a execução deste projeto, bem como as inquietações oriundas do convívio com os alunos e suas manifestações em relação ao desenho. Trata-se de colocar as circunstâncias percebidas sobre a falta de repertório visual e o bloqueio no ato do desenho. Destaca-se ainda que o desenho de fato possui papel significativo na educação.

A partir disso, no capítulo quarto é abordado o ensino da técnica através do desenho observacional e do estudo de imagens de obras de artes e seus criadores. Com isto, objetivamos levar o aluno a uma desconstrução daquilo que ele teve contato ou aprendeu, e acredita ser esteticamente o desenho ideal. Dessa forma, podemos ter como resultados o desenvolvimento, um novo olhar sobre o desenho, ampliando suas referências imagéticas e de maneira a libertar sua mente e concepções acerca da linguagem.

Em seguida, a partir do que foi vivenciado em sala de aula e do que fora pesquisado para execução deste trabalho, é proposto um projeto pedagógico e concluído as considerações finais. Nas considerações finais, são colocadas em questão reflexões sobre o ensino do desenho na contemporaneidade e a exploração da imagem com parte desse processo.

CAPÍTULO 1 - A IMPORTÂNCIA DA CONSTRUÇÃO DO REPERTÓRIO IMAGÉTICO NO ENSINO DO DESENHO

“Quando desenho, se “desenho-um-desenho”, isso faz nascer à obra, mas ao mesmo tempo, quando sou eu que desenho, sou eu que nasço no ato próprio do que crio”.

Márcia Tiburi

Há tempos o homem tem a necessidade de se comunicar e registrar sua história, como por exemplo, os homens da pré-história, que desenhavam nas paredes das cavernas que habitavam. Há registros visuais do que era vivenciado no seu cotidiano, e que são presentes em diversas partes do mundo inclusive no Brasil. É interessante observar que o homem pré-histórico já usava a imagem para expressar o que via, ou seja, o desenho, e a cada vez que o fazia adquiria uma consciência de si e do mundo que o cercava, e o fato de desenhá-lo mostrava a necessidade de expressar e retratar suas experiências vividas.

O desenho então se mostra uma ferramenta presente na civilização, que através dos tempos e da história passou por diversas fases. Desde as paredes das cavernas até a invenção da escrita, o homem é um ser visual, o que é possível ser observado em nossa contemporaneidade com a enxurrada de imagens jogadas em nossas mentes cotidianamente. Segundo Edith Derdyk (1993, p.10):

“O homem sempre desenhou. Sempre deixou registros gráficos, índices de sua existência, comunicados íntimos destinados à posteridade. O desenho, linguagem tão antiga e tão permanente, sempre esteve presente, desde que o homem inventou o homem. Atravessou as fronteiras espaciais e temporais, e, por ser tão simples, teimosamente acompanha nossa aventura na Terra”.

Entendo que o ensino da arte não vem sendo valorizado pela sociedade em seu valor educacional na formação do indivíduo. E esse costume vem se disseminando através das gerações, por causa da falha educacional no campo da arte, sem a vivência da leitura de imagens. Além disto, os professores são abarrotados com carga de conteúdos não tendo tempo suficiente para trabalhá-los a

fundo com seus alunos, podendo muitas vezes despejar estes conteúdos pré-estabelecidos e engessados, formando pessoas desinteressadas e leigas, desprovidas de criatividade e crítica.

A partir da experiência lecionando em sala de aula, com aulas de desenho para alunos do período integral, que abrange do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, trouxe-me certa inquietação sobre a construção do repertório visual e de como é importante esse desenvolvimento para o ensino do desenho e da arte em si.



Figura 1 - Exemplo de como funciona o repertório visual na mente.

Fonte: Imagem composta por imagens coletadas no Google.

Os alunos assistidos tampouco conheciam os artistas que foram citados e que são tradicionalmente trabalhados em sala de aula. Também, apresentavam dificuldades em realizar um simples exercício de desenho de observação, como em criar algo de sua própria mente. Eram inclinados a copiar desenhos que viam na internet ou de seus colegas de mesa. Percebe-se então uma lacuna na exploração da construção do repertório imagético desses alunos, não só de imagens oriundas

da arte tradicional, mas também das também as do cotidiano que passam despercebidos aos olhos, limitados hoje a um “like”, hábito das redes sociais.

Há também uma carência de representação da arte contemporânea na sala de aula, pois, quando não se tem referências de imagens artística nos livros ou do próprio professor, cai nos modelos tradicionais levando os alunos a entender que a arte limita-se a Leonardo Da Vinci, entre outros grandes nomes da arte clássica e moderna. Embora estes sejam artistas referenciais, sendo de suma importância para construção da história e para o ensino da arte, acabam por induzir o aluno a estereotipar, as mesmas “figurinhas repetidas”, que são continuamente trabalhadas em sala de aula. Aí, vemos alunos com repertório artístico visual defasado e estereotipado, sem capacidade de leitura e crítica.

É preciso que os professores também ampliem seus olhares para a arte contemporânea, para que essa seja presente na sala de aula, questionando e fazendo questionar.

“Nessa perspectiva, é preciso repensar a formação do educador e do educando no sentido de possibilitar o conhecimento, levando em conta a totalidade do ser e de perceber a função da Arte na educação como campo de conhecimento importante como da Ciência”. (BUORO, 2001, p.32).

Concordo com Buoro, quando a autora afirma que é preciso repensar a formação do educador e do educando, pois assim haverá uma melhor compreensão e aceitação da arte, deixando de lado o caráter recreativo e ganhando sua importância para a construção do conhecimento do aluno.

Em umas das oficinas de desenho, deixei os alunos livres para criar, pude observar a tensão de muitos deles em para criar algo. Chamou-me a atenção uma adolescente rindo do seu próprio desenho juntamente com seus colegas, ela havia me dito que gostava de desenhos geométricos e que iria produzir algo do tipo. Aproximei para ver o motivo das gargalhadas e ela havia rabiscado o desenho como forma de desistência do que já havia feito.

- Aluna: aqui professor minha arte! (risos)
- Eu: muito interessante! Gostei!
- Aluna: mas professor isso e só rabisco (risos)
- Eu: e por que isso não é arte?

Questionei por que o que ela tinha feito não era arte, logo não sabiam responder, pois nunca haviam sido apresentados uma obra de arte feita só com rabisco e traços. A criança não pode compreender a arte se não a conhecer. Segundo Olga de Sá (2001, p.10), “A tarefa do Educador é sensibilizar a criança para que possa ser um receptor da arte moderna e contemporânea e até um produtor, por que não?” É preciso então que os alunos tenham contato com obras contemporâneas para que haja uma ampliação do repertório e maior compreensão sobre a arte, quebrando paradigmas e preconceitos.

Durante a oficina de desenho, enquanto dava como exemplo Pablo Picasso como desenhista e a forma que ele explorava a tridimensionalidade do corpo humano e chegando a suas figuras tortas, os alunos não tinham visto ou nunca tinham ouvido falar. Constatei então a necessidade de um trabalho com a imagem, para que os alunos tivessem acesso a um repertório imagético e aprendessem a olhar, a enxergar, a perceber e a se perceberem através das referências traduzidas no desenho. Desta maneira, não estaria os induzindo a copiar estilos, e sim procurar entender a expressão e os sentidos amplos do desenho.

CAPÍTULO 2 - O DESENHO DE OBSERVAÇÃO

Figura 2 - Shaydoh Tomaz, desenho de observação, caderno do artista.

“Objetos, pessoas, situações, animais, emoções, ideias, são tentativas de aproximação com o mundo. Desenhar é conhecer, é apropriar-se”.

Edith Derdyk

O desenho esteve presente em minha vida desde a infância, os traços, as linhas e a forma que eu colocava no papel o que me chamava atenção e isso me encantava. Nunca tive instruções de um professor de desenho, mas isso não me fez deixar de gostar de desenhar. O desenho e o universo da arte me fez entender quem eu era, na falta de um amigo pra brincar, meu companheiro era o lápis e o papel. Assim fui aprimorando minha técnica de desenho, no simples ato de observar, de tentar entender a forma e como eu a traduziria para o papel, de forma que estivesse idêntica ao que eu estava observando. Quando finalmente tive a oportunidade de ter aulas de desenho já estava na universidade, pude ter acesso técnicas que até então era desconhecida para mim, meus olhos se abriram e comecei a enxergar um mundo feito de formas, de perspectiva, luz e sombra, traços e linhas. Que antes eu já enxergava porém não entendia por isso trago o desenho de observação como âncora somada com a leitura de imagem, para o ensino do desenho e construção do repertório visual.

Para se adquirir um repertório imagético, não apenas em relação a conhecer obras de artes ou aprender a ler imagens, já que estes seriam particularmente uma forma de enriquecer a nossa biblioteca visual, nos ajudando a desenvolver o senso teórico e crítico, também é de suma importância para o aluno conhecer artistas e suas obras, partindo de um contato para prosseguir no aprofundado conhecimento da arte. Pois, seguindo a direção do ensino do desenho e da arte, é importante também que o aluno aprenda a olhar e a enxergar a si próprio e o outro, e os elementos que o rodeiam, pois estes também fazem parte da construção e formação de um repertório, que o ajudará no seu desenvolvimento como artista. Buoro afirma que:

“(...) a Arte é uma forma de o homem entender o contexto ao seu redor e relacionar-se com ele. O conhecimento do meio é básico para sobrevivência, e representá-lo faz parte do próprio processo pelo qual o ser humano amplia seu saber.” (2001, p. 20).

A partir do momento em que, por exemplo, olhamos uma cadeira, passamos a observá-la em sua forma real, em seus mínimos detalhes, caminhando com os olhos

sobre ela, adquirimos uma consciência sobre sua existência; logo aprendemos sobre sua forma, porque observamos a cadeira e temos em nossa memória visual a imagem do objeto observado. A partir disso, temos a liberdade de criar novas possibilidades a partir de uma referência adquirida somada a um repertório que nos inspira, podendo construir e desconstruir, criar e reinventar.



Figura 3 - Shaydoh Tomaz, Desenho de observação em caneta esferográfica,
Fonte: Acervo pessoal do autor.

No ensino do desenho, em meio a várias técnicas, tenho forte apreço com a do desenho observacional, pois somente observando temos compreensão da forma. O desenho de observação consiste basicamente no ato de observar, expor o aluno a objetos diversos, propondo que os desenhem da forma que os percebem. Também permite aos alunos combinar instrução artística com habilidades de lógica e percepção, aprimorando o olhar sobre o que rodeia e adquirindo também facilidade em representar formas e proporções.



Figura 4 e 5 - Shaydoh Tomaz, Desenho de observação em grafite, caderno do artista.
Fonte: Acervo pessoal do autor

Os objetos desempenham importante papel no processo do desenho observacional. É necessário escolher um objeto de modelo para o desenho, baseado no nível de habilidade e na idade dos estudantes.

Para alunos 7 a 10 anos de idade, itens com formas familiares, como um arranjo de blocos. Já para alunos entre 11 a 15 anos de idade, objetos com formas menos definidas, como flores, ou o reflexo deles no espelho. O desafio pode ser aumentado usando-se uma série de objetos, como um arranjo de blocos com um brinquedo, ou tipos diferentes de flores em um jarro.

O professor de desenho tem como papel ensinar aos alunos a perceber os itens que estão desenhando. Fazendo sempre perguntas, como "Quantos blocos você vê?", ou "Todos os blocos estão virados na mesma direção?", instruindo os alunos para que respondam através dos desenhos e não verbalmente, pois uma resposta verbal poderia influenciar a percepção dos outros na sala. As perguntas também podem ser usadas para oferecer pistas a respeito dos elementos que eles estão observando.

O desenho de observação é mais eficaz quando usado regularmente com os alunos. Com o tempo, eles começarão a compreender como desenhar objetos com múltiplas dimensões e a desenvolver as habilidades perceptivas que os ajudem a identificar as especificidades nos objetos apresentados.

O processo do desenho observacional é um exercício de treinamento de percepção. Isto significa que os resultados conseguidos pelos estudantes mudarão com a sua interpretação do exercício e sua conexão com os objetos que o professor escolher, como por exemplo, o seu próprio corpo, um modelo vivo ou a paisagem em uma aula ao ar livre.



Figura 5 - Shaydoh Tomaz, Desenho de observação pátio da CONAB-DF.
Fonte: Acervo pessoal do autor

3.1 O corpo observado e representado através da história da arte

“É no corpo que se inscreve a história humana, seus modos de fazer e sentir, sua humanidade concreta, de sonhos e desejo, de trabalho e invenção, como a representação de si mesmo dentro da cultura. O corpo humano não é só isso, no entanto, mais que o alicerce do homem, é a figura central na representação de si mesmo dentro da cultura. Um lugar, portanto, ideal para se conhecer a si mesmo, e mais profundamente, se guiado pela sensibilidade da arte.”

Prof. Dr. Jardel Dias Cavalcanti, 2011, Departamento de Arte Visual – UEL.

Através dos tempos o homem apresentou uma grande necessidade de se conhecer e de se representar através da imagem, registrando sua história, seus feitos e, não seria diferente, sua anatomia. O corpo humano foi bastante representado desde os primórdios da humanidade, e graças às produções deixadas através da história, podemos hoje apreciar a evolução e os avanços do estudo sobre o corpo e como isso foi sendo construído e desconstruído a partir da história e da visão do artista.

Na representação do corpo na antiga civilização egípcia, é presente a lei do frontalidade; seus desenhos e pinturas seguiam regras que deviam ser cumpridas, segundo Dulío Battistoni (2005 p. 30):

“No rosto de perfil, o olho na frente. O tórax é visto de frente, enquanto as pernas e os pés estão de perfil. Julgou-se, a princípio, que fosse ingenuidade ou incapacidade, mas isso não seria possível num povo tão adiantado em outras atividades e conhecimentos”.

Conforme apontado por Battistone, arte grega nos impressiona até hoje com sua perfeição, beleza e equilíbrio. Nesse sentido, Gombrich (1999, ed.16, p.78) também enfatiza que os artistas gregos foram além dos egípcios nos estudos da anatomia humana, após estudar e imitar modelos egípcios, não se limitou a regras fixas, mas a partir delas começaram a desenvolver suas próprias técnicas e experiências.



Figura 6 -Desenho de vaso grego extraído da obra *Pitture di vasi fittili*.
FONTE: site do Pinterest, Disponível em: <https://br.pinterest.com>.

Os gregos começaram a usar os próprios olhos, podemos ver fortemente a utilização da observação. Entendendo que todo projeto parte de um desenho, é possível enxergar a presença do desenho observacional e, como isso revolucionou a arte grega, por começarem a reproduzir o que seus olhos realmente viam, elevando o entendimento sobre a forma e conseqüentemente seu repertório visual e sua capacidade de reprodução e criação.

“Os egípcios tinham baseado sua arte no conhecimento. Os gregos começaram a usar os próprios olhos. Uma vez iniciada essa revolução, nada mais a assustaria. Os escultores em suas oficinas ensinaram novas ideias e novos modos e representação da figura humana, e cada inovação eram evidentemente adotadas por ouros, que adicionavam suas novas descobertas”. (GOMBRICH, E.H., 1999)

Conforme Gombrich afirma que os gregos começaram a usar os próprios olhos, os romanos influenciados pelas produções gregas, também não se limitaram em apenas copiar e adotar cânones, apresentando uma arte mais realista e menos lisonjeira que as reproduções dos artistas gregos.

No período medieval, ao contrário do que se acredita popularmente, pois é vista como a “idade das trevas”, foi o período de grandes descobertas e onde surgiu o modelo de sociedade que conhecemos atualmente, com a arte não seria diferente,

neste período destaca-se a arte bizantina, árabe e gótica. O estudo e a representação do corpo perdem força, pois preocupavam-se mais com o divino, reflexo do ardor da fé cristã.

No fim deste período Medieval surge o renascimento italiano, onde segundo Battistoni, (2005, p. 62) era de uma visão humanista, apoiando-se no otimismo, individualismo, grande interesse pela antiguidade Greco-romana e pelo ser humano. Ao contrário à idade média que glorificava o divino e o extraterreno, o renascimento exaltava o humano e sua naturalidade, dando importância a si mesmo como indivíduo.

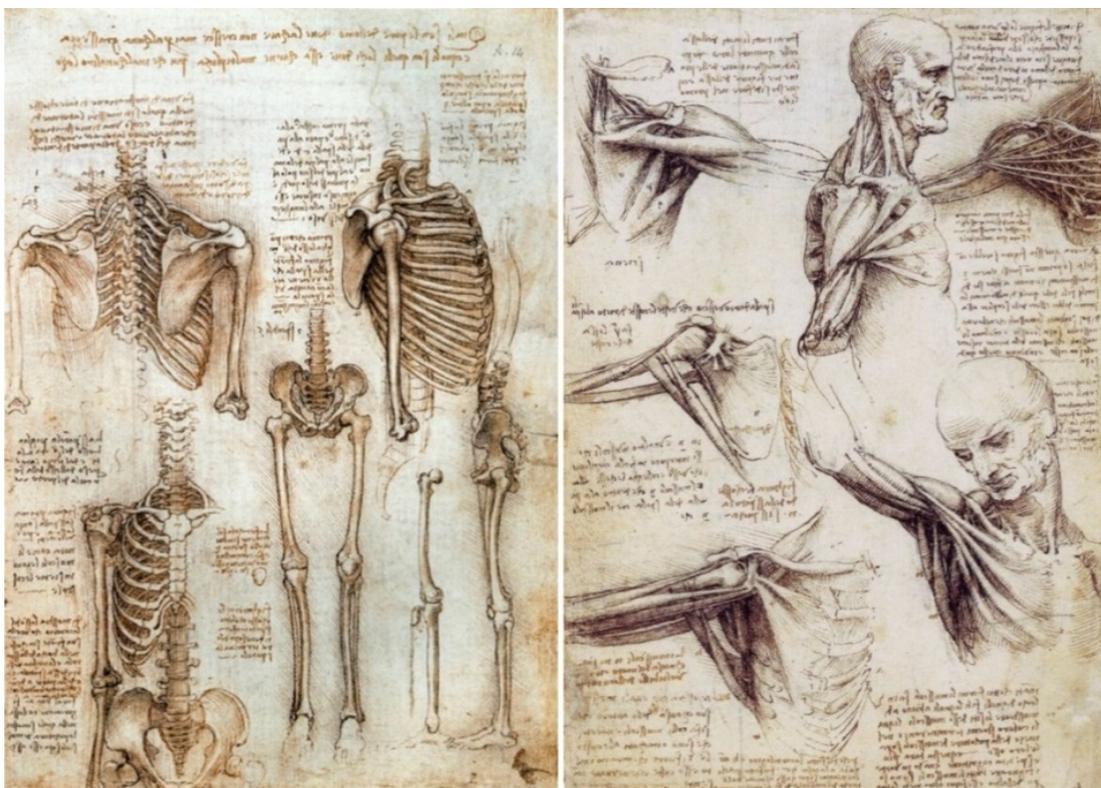


Figura 7 - Anatomia humana, de Leonardo Da Vinci (1509-1510).

FONTE: site do Pinterest, Disponível em: <https://br.pinterest.com/>.

No renascimento se destacaram muitos como Leonardo da Vinci, artista entre outros atributos, não se destacou somente pela autoria da sua obra mais famosa, Mona Lisa, também por suas invenções e estudos da anatomia humana.

“Tais pesquisas explicam a segurança com que desenhava o esqueleto humano e a musculatura do homem, do cavalo e de diversos animais. Estudioso também da botânica, muitos de seus quadros revelam minúcias de muitas plantas desenhadas”. (BATTISTONI, Dulio, 2005 p. 68)

Enquanto os renascentistas tendiam a linha e o desenho, os barrocos buscavam o pictórico, as cores e o jogo luz e sombra. Enquanto uns preferiam tratar as cores e as superfícies em busca de harmonia, outros mergulhavam na profundidade e nos volumes, remetendo a emoções.

Já no fim do século XVIII e correr do século XIX, houve grandes mudanças no cenário artístico mundial, com o surgimento do neoclassicismo, o romantismo e o realismo. Mas foi o impressionismo o grande divisor de águas para o mundo da arte, sendo o movimento mais importante e revolucionário ocorrido na pintura ocidental.

“Nesse período, nenhum outro lhe pode ser comparado, tanto pela nova visão plástica do mundo que revelou como pelas originais inovações que introduziu no domínio da técnica da pintura. Também nenhum outro lhe pode ser comparado pelas fecundas e prolongadas influências que exerceu, tendo contribuído direta e decisivamente para a formação das primeiras escolas de pintura moderna no século XX”. (BATTISTONI, Dulio, 2005 p. 98)

A partir do período moderno e pós-moderno em relação à representação do corpo, os artistas se encontravam livres de regras acadêmicas, buscando a maior abstração da forma e liberdade de expressão. E usando o repertório imagético adquirido ao longo de estudos, tiveram a liberdade e ousadia de criar novas possibilidades, saindo da mesmice, voltando até mesmo ao seu homem paleolítico interior.



Figura 8 e 9 - Pablo Picasso, Galinha com pintos - 1938 e Galo novo - 1942.
FONTE: GOMBRICH, E. H. História da arte (a). 16. Ed. Rio de Janeiro:
Livros Técnicos e Científicos, 1999.

Nas figuras acima podemos observar isso claramente nas obras de Pablo Picasso, de um lado uma galinha fielmente representada e do outro a caricatura de um galo, Gombrich, (1999, p. 26-27) afirma que Picasso não se contentou em expressar fielmente um galo, mas sua agressividade, insolência e estupidez. Picasso foi mais longe se tratando da representação do corpo, explorando a tridimensionalidade e um só plano.

O corpo sempre será referência para nos artistas e professores de desenho, pois além de simplesmente ser um objetivo de estudo, nos ajuda em nosso conhecimento como indivíduo e como esse corpo interage no meio em que se encontra e o que ele representa.

3.2 A Paisagem observada e representada através do olhar artístico

“Um bom exemplo é olhar as nuvens. Pessoas que desenham costumam enxergar mais formas do que pessoas que não desenham”.

Fernando Chuí

Assim como o corpo, o ser humano sempre buscou representar o meio em que vive o ambiente que o inspira e que faz refletir sua existência e sua interação com a natureza. Através da incessante contemplação da paisagem que o cerca, o ser humano obteve incríveis descobertas no campo científico e artístico, simplesmente pelo ato de observar, levando a representá-la através de sua arte. Desde pranchetas de ilustração científica que o ajudou a catalogar a fauna e a flora ao estudo de movimento, luz, sombra e dimensão, e a representação do espaço geográfico.

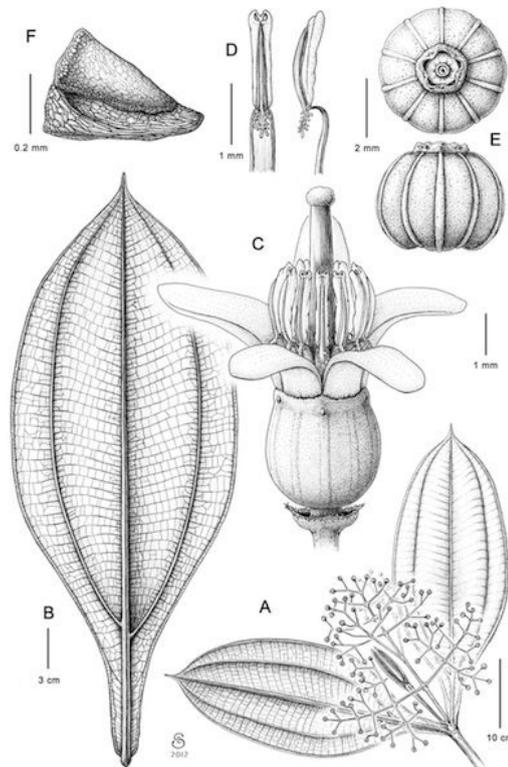


Figura 9 e 10: Ilustração botânica.
 FONTE: site do Pinterest, Disponível em: <https://br.pinterest.com>.

Paisagem é tudo aquilo que o ser humano consegue perceber, e que seus sentidos podem captar, tudo que conseguimos ver, ouvir e tocar, ou seja, sentir. E através do desenho podemos expressar as características desta paisagem, sendo ela natural ou cultural.

Partindo do ponto de que cada sujeito tem sua leitura individual sobre o que vê e o que lhe chama a atenção, podemos afirmar que através da arte o ser humano pode expressar essa percepção e essa particularidade no momento de representar a paisagem que o cerca, seguindo pelo pensamento de CHUÍ (2010) de que “Pessoas que desenhavam costumavam enxergar mais formas do que pessoas que não desenhavam”.

“Essa imagem a qual eu refiro é a manifestação de um olhar que opera a partir da dinâmica entre o visível e o inteligível”. Com ele transformo a “física” do mundo numa espécie de visão evanescente, cuja substância parece puramente mental.

Por exemplo, são somente à distância, a luz e a atmosfera que subtraem das montanhas seu volume, seus acidentes, seu peso e sua cor, ou é meu olho – conduzido pela imaginação – que as transporta para a dimensão espacial e material indefinido? Não seria esse olhar o responsável por exaurir das montanhas toda sua concretude para apreendê-las como uma silhueta, como um desenho que se estende num plano – também imaginário – extenso e sem profundidade? Ou ainda, que constitui o fundo do mar? Poderia a superfície de a água ser concebida como uma superfície de membrana impalpável – e, portanto, desprovida de espessura material – que separa a água do ar? Esse limite tênue não é determinado pelo peso físico das duas matérias? É possível visualizar tal superfície em que o olhar penetre também na matéria? Quando a superfície da água reflete o mundo, ela não se torna simultaneamente perceptível e invisível?”
(Kyriakakis, Geórgia 2010 p.162)

Nesta citação de Geórgia Kyriakakis, onde a autora traz questionamentos sobre a paisagem que observa e que faz parte da composição do seu trabalho como artista consegue transmitir de forma particular e sensível a maneira que sua mente artística faz a leitura do que vê. Portanto, confirma o que Chuí nos traz ao dizer que pessoa que não tem o hábito do desenho logo não tem o de observar, passaria a ser percebido somente como uma bela paisagem, já uma pessoa que o possui desdobraria toda paisagem em seus planos, linhas, curvas e formas traduzindo-as sobre o suporte toda sua particularidade visual.



Figura 10 - Geórgia Kiryakakis, Continentes, 2002/2006. Técnica: grafite sobre papel, 35 x 45 cm.
Fonte: Fotografia de Geórgia Kiryakakis.
Disponível em: <<https://www.georgiakiryakakis.com.br/CONTINENTES>>

CAPÍTULO 3 - OFICINA DE DESENHO PARA ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II

O que é desenho?

Um tudo

Meio indefinido

Maravilhoso

Ver a vida,

Passar o tempo,

É arte, é cultura,

É uma forma de viver,

É legal? Não sei!

Depende da minha criatividade.

(Poema composto pelo professor a partir das palavras ditas por alunos da oficina de desenho)

Definição de desenho: É mais do que um ato de traçar linhas sobre uma superfície plana aleatoriamente. É expressar sentidos, expor através de mecanismos gráficos aquilo que observamos no mundo que nos rodeia. Fernando Chuí (2010, p. 35) afirma que:

“O desenho é o gene do pensamento; é o que vem antes; à vontade se antecipando ao desejo. O desenho é para o pensamento estético o que a voz é para a música. A redescoberta desta voz deve vir pelo risco, ou seja, pelo traço. Um desenho só ocorre quando o olho o revela.”

A oficina de desenho¹ teve como objetivo incentivar crianças do ensino fundamental II à prática do desenho, auxiliando-as em seu desenvolvimento cognitivo. Além disso, versou sobre o aprimoramento da percepção dos alunos sobre a sua realidade, levando-as a desenvolver senso crítico sobre o que vêem e a se expressarem, quando por intermédio de seus desenhos. Como afirma Anamélia Bueno Buoro, 2001, p.33 :

“Além do desenvolvimento da imaginação criadora e da percepção, destaca-se como questão de importante reflexão a possibilidade de o professor contribuir afetiva e cognitivamente para o desenvolvimento da expressão da criança”.

“Ao expressar-se por meio da arte, o aluno manifesta seus desejos, expressa seu sentimento, expõe enfim sua personalidade. Livre de julgamentos, seu subconsciente encontra espaço para se conhecer, relacionar, crescer dentro de um contexto que o antecede e norteia sua conduta”.

O ensino do desenho é de fato, muito importante para o desenvolvimento cognitivo e emocional dos alunos, pois através do ato de desenhar, eles conseguem expressar o que está em sua memória, saindo do plano abstrato para o plano concreto. O desenho tem papel significativo e amplo na educação, merecendo ser utilizado pelo professor e pela escola como estratégia de ensino fundamental para o desenvolvimento do aluno.

“Piaget entende que os desenhos das crianças como produtos de sua compreensão de mundo, afirmando que elas desenharam a partir do que conhecem de si e do mundo. Com base nas teorias cognitivistas, Piaget considera que a criança, conforme vai crescendo, desenvolve conceitos das representações gráficas. Apresenta a sua compreensão do desenvolvimento do desenho baseada na formação desses conceitos perceptivos. Vygotsky,

¹ Ver no anexo 1.

além disso, considera o gesto e a dramatização movimentos geradores da apresentação infantil ligados a uma interação social.” (BUORO, 2001, p.40).

A partir das questões iniciais a respeito do potencial do desenho, comentarei a seguir como foi o processo de implantação das oficinas de desenho, o desenvolvimento e a execução.

Para a realização das oficinas de desenho², foi realizado um contato inicial com a pedagoga da escola, mostrando a proposta inicial. Tratava-se de oferecer oficinas de desenho na escola para os alunos do fundamental II. O planejamento se firmava no desenvolvimento das oficinas, principalmente para alunos com dificuldade de aprendizagem, no horário oposto às suas aulas. Em seguida, a proposta foi passada para o diretor da escola, que apoiou a ideia e marcou uma reunião para discutirmos a proposta.

Na reunião com o diretor da escola³, foi apresentada a proposta da oficina. Na ocasião, foi exposta a necessidade de oficinas para os alunos de horário integral da escola, mudando a orientação da oficina de desenho, tendo em vista que a proposta englobava somente alguns alunos do 5º e 6º ano do ensino fundamental. A partir daí, o projeto teria que contemplar um grupo misto de alunos, de faixas etárias e séries diferentes. Aceitando a proposta do diretor, foi feito um segundo contato, diretamente com os próprios alunos, que seria oferecer a proposta e verificar se eles teriam interesse pela oficina de desenho.

Neste segundo contato, conversei com aproximadamente trinta alunos, em uma sala reservada para os alunos feita com garrafa pet⁴. Todos estavam espalhados pela área ao redor da sala, que consistia numa espécie de espaço de lazer onde realizavam diversas atividades. Foram convidados os alunos interessados pela oficina, pois já haviam apresentado a proposta para todos eles antes da minha chegada, elencando aqueles que realmente demonstraram estar comprometidos.

Apresentei a proposta da oficina e de como aconteceria. A partir do interesse, alguns mostraram as produções feitas em seus cadernos. A curiosidade variava entre grafite e a prática da pintura em tela. Ouvindo suas preferências, destaquei a

²Oficina de Desenho: Projeto pedagógico para alunos de Ensino Fundamental II. Ver em anexo 1.

³Centro de Ensino Fundamental 02 – Planaltina-DF, dados da escola presente no anexo I.

⁴Sala construída com garrafas pet, ver fotografia no anexo 1.

importância do desenho para o grafite e para pintura, convencendo-os a desenvolver esta linguagem. Com isto, pedi que trouxessem para o próximo encontro materiais para desenho de forma a iniciarmos nossa oficina de desenho.

No dia de realização da oficina, reservou-se um espaço no auditório da escola. Descobri que os alunos do horário integral não somente tinham atividades livres, mas outras oficinas como música e reforço escolar. Isto refletiu no número de alunos participantes na oficina de desenho.

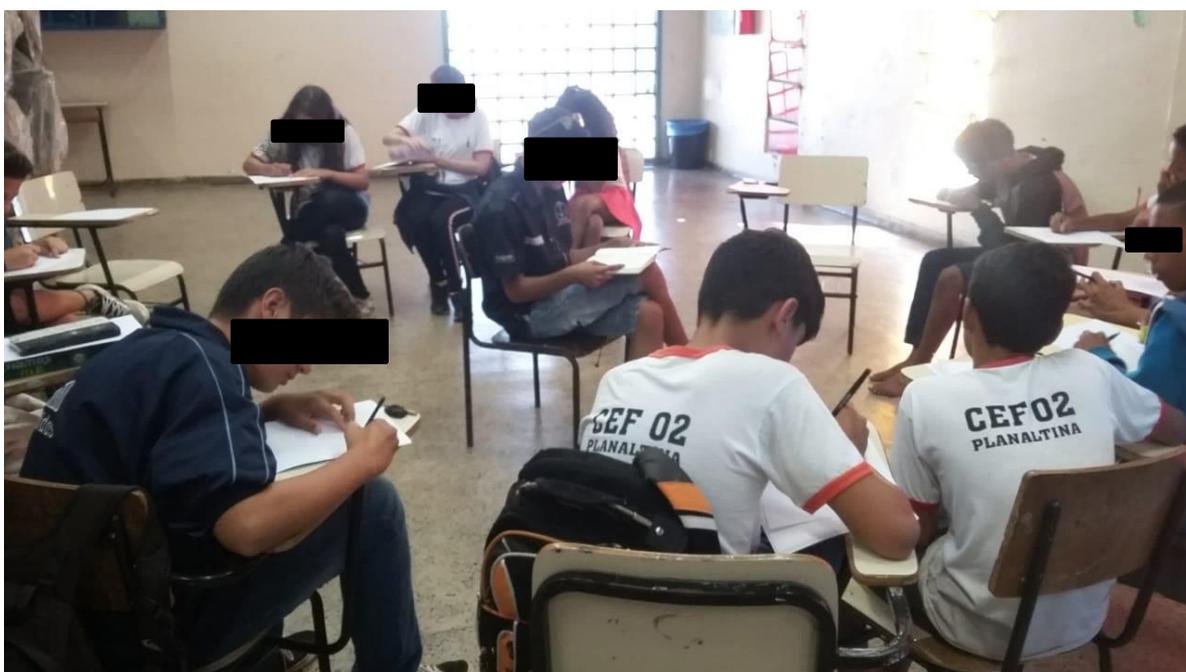


Figura 11 - Primeira reunião com alunos do período integral do CEF – 02 de Planaltina - DF. Fonte: Fotografia do autor.

A oficina ocorreu às 14:00 horas com duração de uma hora e trinta minutos, onde inicialmente conversamos sobre o programa e suas expectativas. Foi feita uma breve apresentação, onde os alunos diziam seu nome, idade e ano escolar. Foi pedido que em suas apresentações definissem em uma palavra ou uma frase o que seria desenho para eles. As palavras e frases foram as seguintes: Tudo; indefinido; maravilhoso; vida; passar o tempo; arte; cultura; forma; viver; legal; não sei; criatividade.

Estavam presentes quinze alunos, com a faixa etária entre onze e dezessete anos de idade, do 6º ao 9º ano do ensino fundamental. A atividade proposta foi desenho de observação com modelo vivo, onde os modelos eram os próprios

alunos. Observou-se que, além de apresentar um método e princípio de aprendizado clássico do desenho, os alunos trataram a proposta de maneira lúdica e, portanto, se divertiram na execução.



Figura 12 - Alunos mostrando interesse na aula de desenho de observação.
FONTE: fotografia do autor

Muitos se mostravam reticentes sobre as possibilidades de desenhar e repetia a frase “eu não sei desenhar”. Dessa forma, nos primeiros dez minutos de pose proposta não executaram nenhum traço no papel, explorando as brincadeiras de modelo com os colegas e dispersando a atenção. É de se observar que alguns tinham o interesse em participar e desenvolver algum desenho, porém não tinham nenhuma intimidade com a prática de simplesmente rabiscar em um papel. Havia também alguns que já apresentavam certa habilidade e desenvolveram bem a atividade proposta.

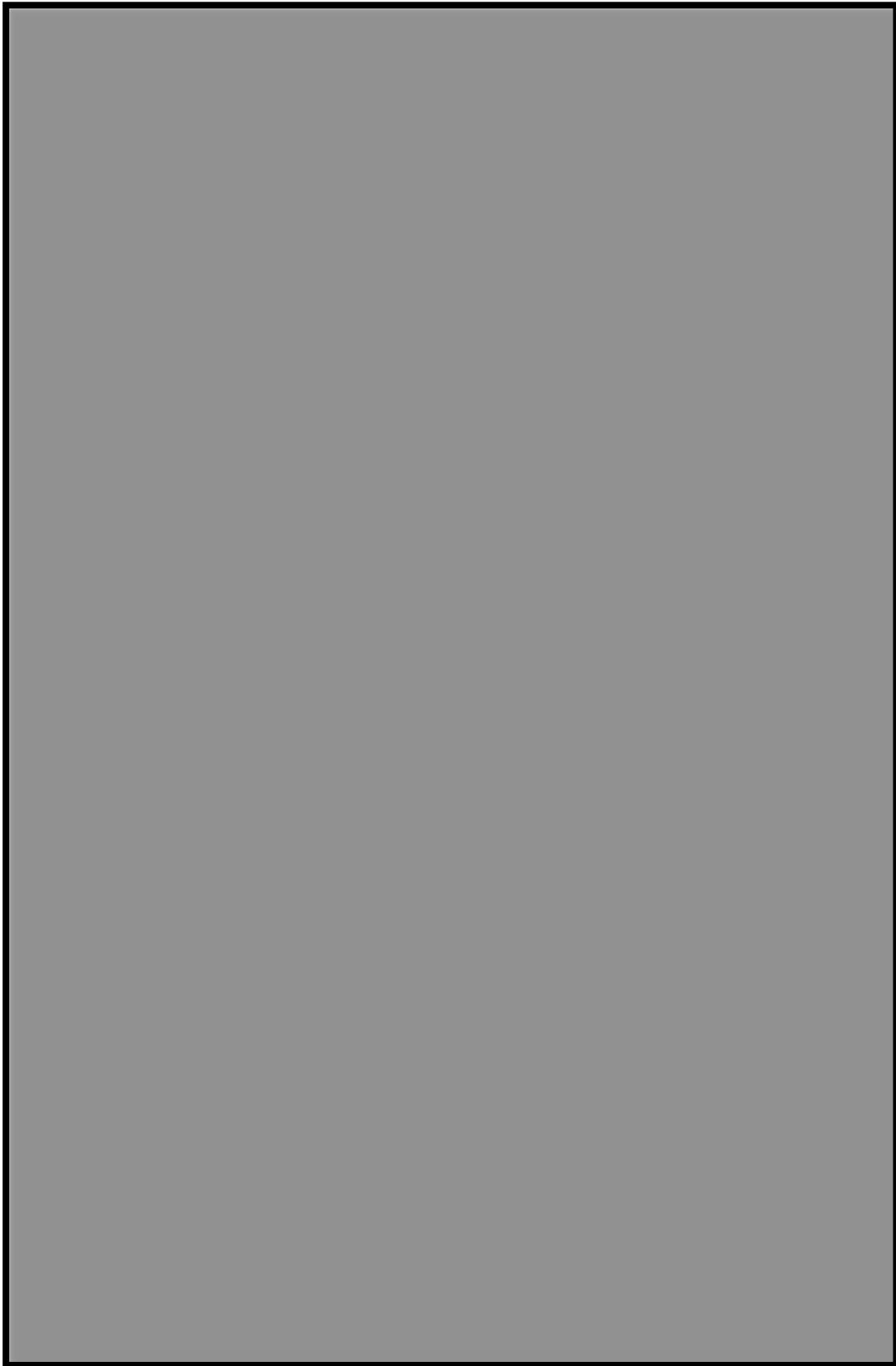


Figura 13 - Aluna executando a atividade proposta.
FONTE: fotografia do autor.

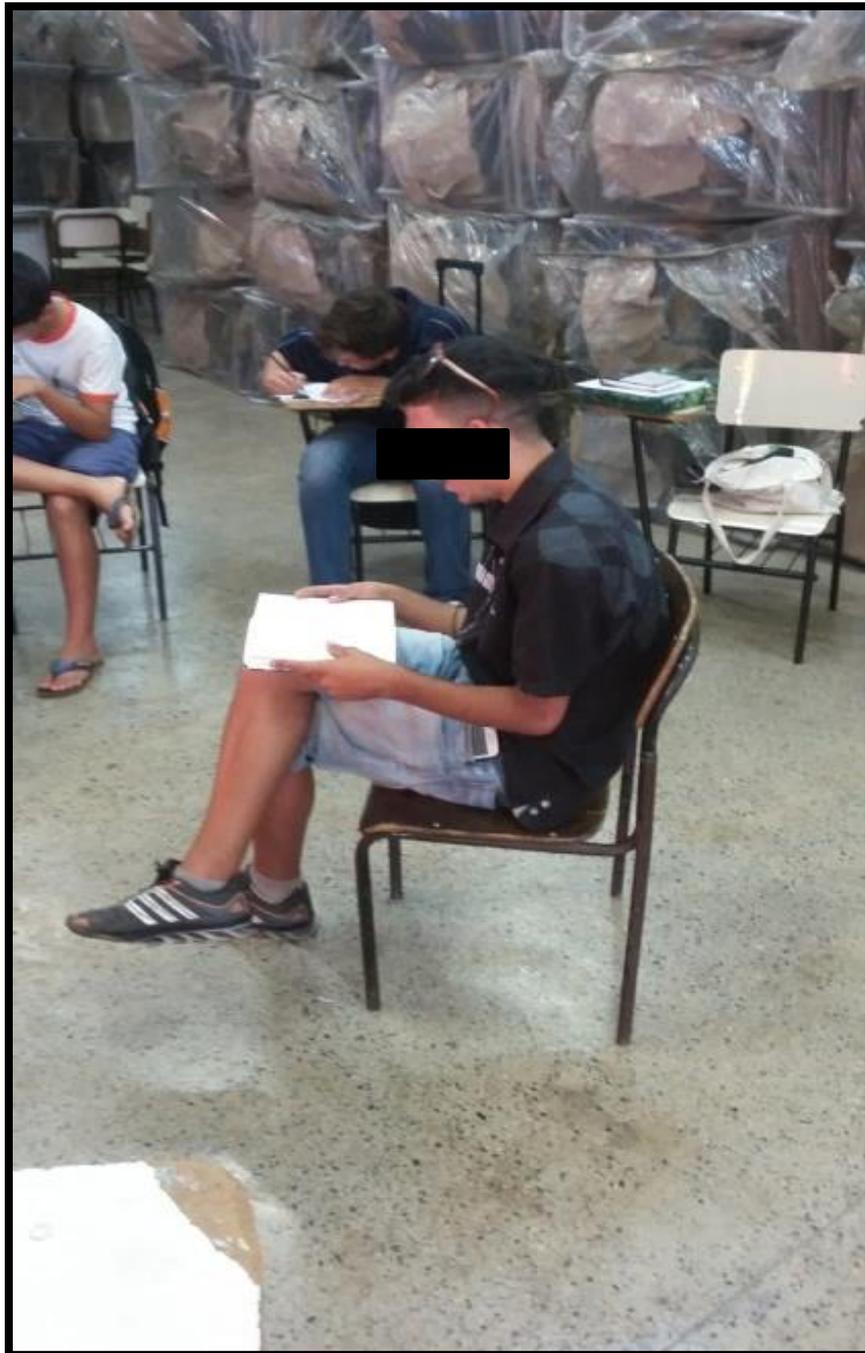


Figura 14 - Aluno participando como modelo vivo.
FONTE: fotografia do autor.

No final da oficina, colocamos os desenhos no centro como mostram as figuras abaixo, e foi pedido para que apenas observassem. Conversamos sobre a experiência vivida, e os alunos relataram ter gostado, desejando que a oficina continuasse regularmente, nascendo então um clube de desenho, onde reuniríamos para desenhar, construir idéias e aprender mais sobre desenho.

Imagens das produções realizadas na oficina de desenho:

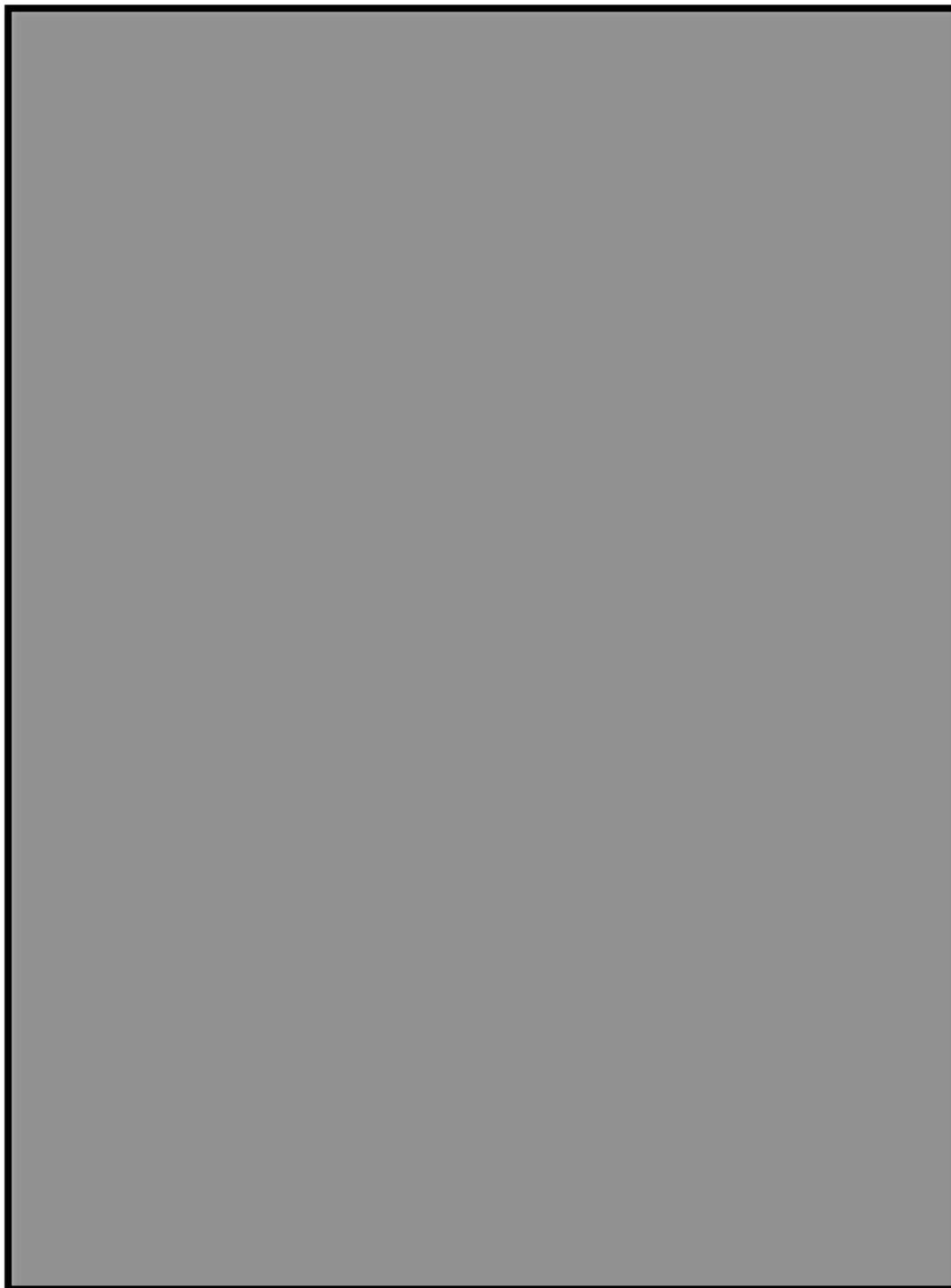


Figura 15 - Desenho do aluno Thiago Daniel, ensino fundamental I.
FONTE: fotografia do autor.



Figura 16 - Alguns alunos não se identificaram em seus desenhos.
FONTE: fotografia do autor.

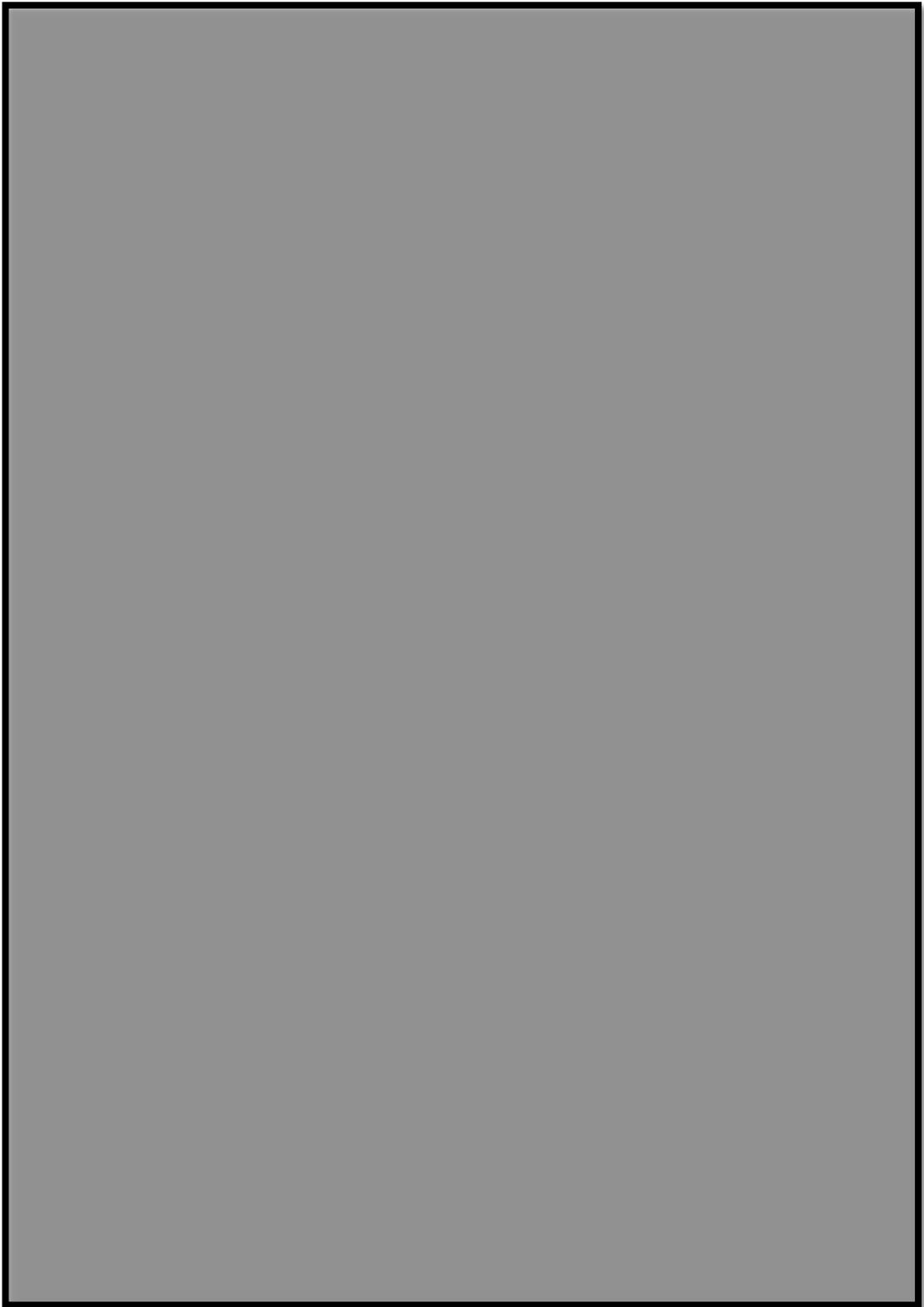


Figura 17 - Desenho do aluno Arthur Ribeiro do 6º ano do ensino fundamental.
FONTE: fotografia do autor.

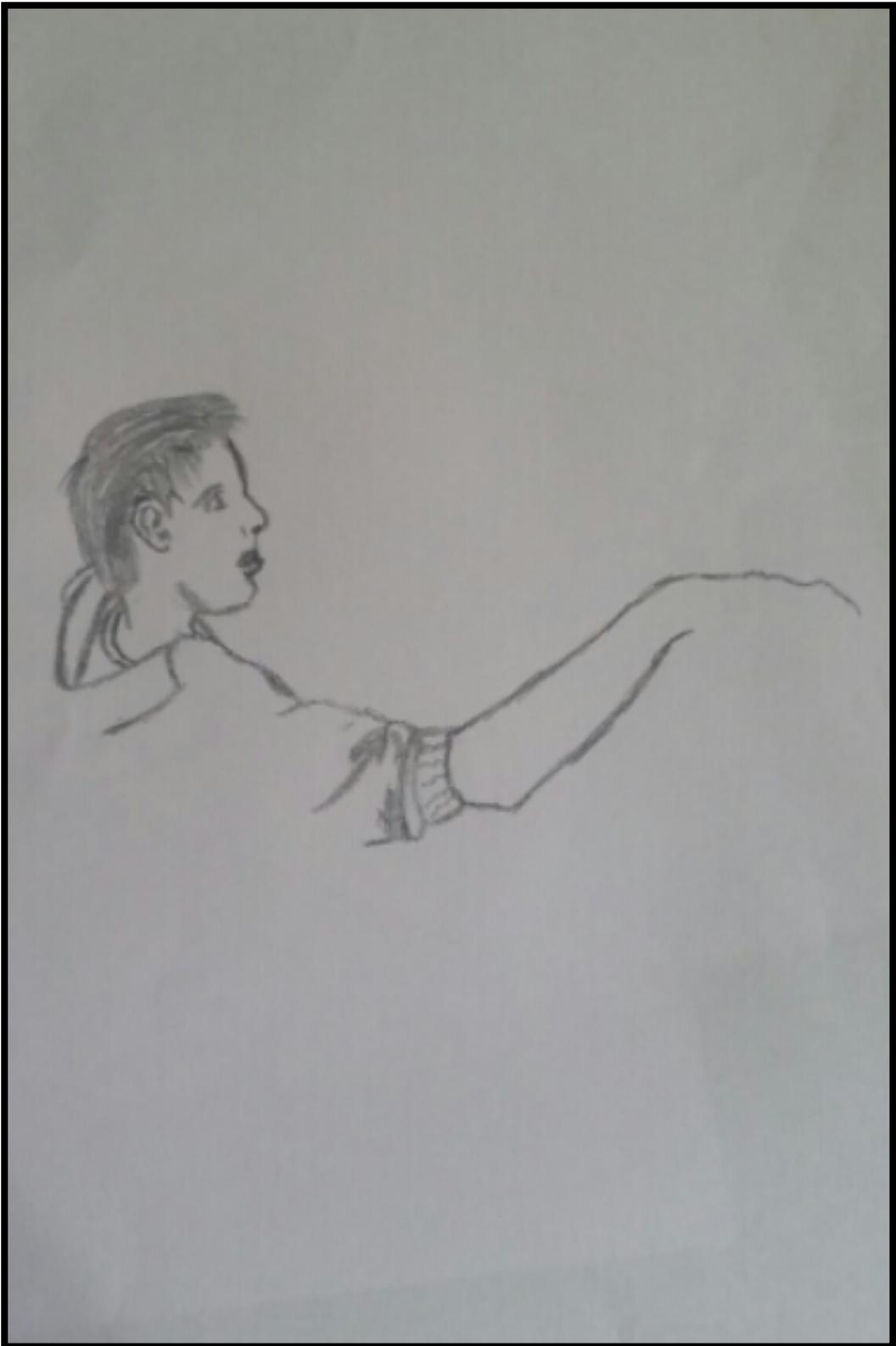


Figura 18 - Desenho dos alunos do 6º ano do ensino fundamental.
FONTE: fotografia do autor.

A oficina proposta para os alunos de ensino fundamental II alcançou seu objetivo, pois pude perceber a carência dos alunos em desenvolverem uma linguagem artística que se identificam, neste caso, o desenho e no repertório visual, pois os envolvidos não conheciam artistas que são popularmente conhecidos e nem suas obras, como por exemplo, Picasso e Van Gogh.

Foi possível perceber por essa breve experiência a importância do ensino do desenho nas escolas, para desenvolvimento visual e comunicativo desses alunos, pois não há nenhum preparo para a enxurrada de informação visual que os cercam diariamente.

O que se observa é que os docentes de artes estão preocupados em priorizar a aplicação do conteúdo da grade curricular, esquecendo a alfabetização visual e a construção do repertório visual, formando alunos sem nenhuma referência e uma biblioteca visual defasada⁵.

Alguns alunos envolvidos na experiência das oficinas de desenho não sabiam descrever o que era observado, verbalmente e graficamente, sendo inclinados a copiar do colega ao lado mesmo com o objeto em sua frente. Concordo com Ana Mae Barbosa, em uma entrevista dada para o site “*Ensinando Arte*”, em que afirma que: “A linguagem visual nos domina no mundo lá fora e não há nenhuma preocupação dentro da escola em preparar o aluno para ler essas imagens. O público quer conhecer; falta educação para a arte”⁶.

Desta forma, a exposição desses alunos a essas imagens e, no direcionamento da oficina de desenho para ampliar também a compreensão que já carregam acerca dos modos de desenhar e de reconhecer o desenho, faz com que se tornem indivíduos com maior capacidade de observação e de criação de novas produções artísticas. Isso se daria através de uma educação voltada à leitura de imagens e uma construção de repertório visual.

⁵ Observação feita através das vivências nos estágios obrigatórios do curso de licenciatura em artes visuais.

⁶Entrevista disponível em Disponível em: < <http://ensinandoartesvisuais.blogspot.com>>>.

CAPÍTULO 4 – METÓDO

“Desenho (olho), logo existo”.
Fernando Chuí

4.1 Construindo para desconstruir

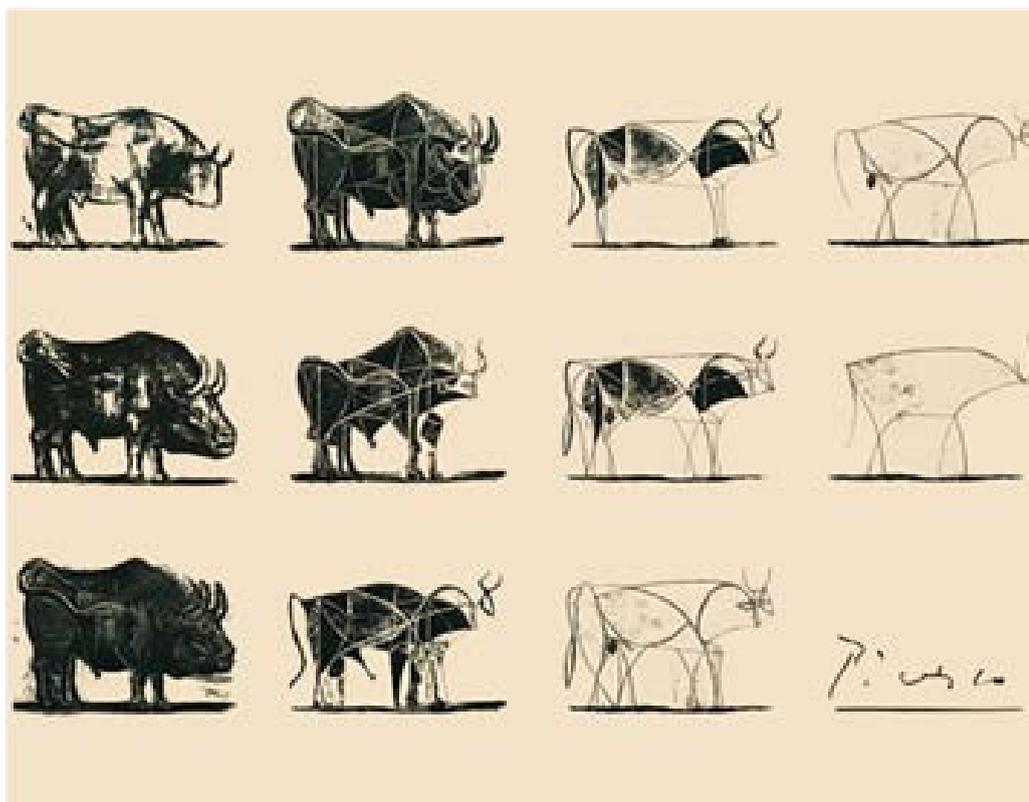


Figura 19 - Onze litografias de “Touros”, de Pablo Picasso, 1945.
Fonte: Imagens do Google.

Despertar nos alunos o pensar artístico (não a cópia) através da exposição imagética de trabalhos artísticos clássicos, modernos e contemporâneos. A partir do ensinamento de técnicas de desenho, como o de desenho de observação. Guiar o aluno a construir o conhecimento em técnicas de desenho, e desconstruir o que já fora aprendido, mostrando-lhe novas possibilidades e ampliando a visão crítica e artística. Quebrando principalmente a visão estereotipada de desenho belo e desenho feio, que trava o aluno, formando então a famosa frase “*eu não sei desenhar!*”.

É cada vez mais fácil ver crianças com essa frase na ponta da língua, logo

elas que tendem a um nível de criatividade e de se expressar através da linguagem do desenho maior que de adultos; perderam precocemente o acesso ao hábito de desenhar, como afirma Fernando Chuí:

“Pessoas desenhavam pouco, não por não serem capazes de desenvolvê-lo, mas por terem perdido o acesso ao desejo de desenhar. E por terem um recomeço, sendo que o desenho revela a fragilidade do leigo em uma linguagem que lhes parecera fácil. Por isto, é compreensível a fuga do desenho”. (2010, p. 32)

Em uma das oficinas de desenho que fiz citadas no primeiro capítulo, chamou-me a atenção um garoto do sexto ano, que timidamente mostrava-se interessado em aprender a desenhar, mas estava travado mesmo diante do modelo em sua frente. Ele afirmara que não sabia desenhar, fui conduzindo-o e logo foi revelando-se um desenhista em potencial. Contudo, o que me intrigou foi uma criança daquela idade já não ter mais a capacidade de expor no papel o que via, como se suas habilidades fossem sido sugadas. Essa experiência serviu-me de reflexão sobre o ensino do desenho e da arte em si, e como o acesso a esta prática tem sido abandonada ou subjugada pela educação formal contemporânea.

Como trabalhar desenho com alunos que se sentem inaptos para tal atividade? Como desenvolver o eu artístico em alunos que não acreditam serem artistas? Como despertar a poética nesses alunos? Como quebrar os pré-conceitos já enraizados em sua consciência sobre desenhar? São questionamentos que revelam os desafios encontrados pelos professores de Arte em sala de aula.

Buoro (2001) como entre outros arte educadores defendem o ensino da arte através da leitura de imagens, pois este ajuda o educando a desenvolver e aprimorar a percepção visual do mundo e da arte, alongando seu repertório imagético e edificação do olhar. Tomando parte disso, acredito que a introdução de imagens de obras de artistas nas aulas ou oficinas de desenho ajudaria como estímulo ao ato de desenhar e no processo de criação. E que, por intermédio da arte, os educandos se atentam ao processo individual de sentir introduzindo-o em suas manifestações artísticas. Buoro (2001) nos mostra que ao manifestar-se pela arte, o aluno revela seus desejos, sentimentos e personalidade.

4.2 Ampliando o repertório visual

Admite-se que a ideia de expor os alunos a imagens artísticas e cotidianas faz com que despertem para a prática do desenho e para seu eu artístico. Eis aqui alguns artistas que possuem o desenho como linguagem que, após estudos e influências, foram além do desenho acadêmico, explorando a forma e seus limites de maneira peculiar.

Pablo Picasso

O trabalho de Picasso, Onze litografias do touro, é um rico exemplo em desconstrução da imagem, pois o pintor parte de um desenho que obedece às técnicas e caminha para uma desconstrução da forma, restando somente a simplicidade do traço, que é o elemento principal do ato de desenhar. Esse artista por meio deste trabalho constitui um produtivo elemento para estudo, pois muitos o julgam como não detentor da habilidade de desenho. Afirmção vinda pela falta de conhecimento, pois Picasso era um exímio desenhista, como podemos observar em seus esboços, estudos e trabalhos. Pablo Picasso, como outros artistas, buscava a simplificação da forma, para que o desenho abrisse uma porta à interpretação pessoal do artista.



Figura 20 - Pablo Picasso. Desenho sem título, c. 1922. Lápis sobre papel, 42 x 31 cm, do caderno de esboços nº 77, p. 28. Coleção privada. FONTE: site do Pinterest, Disponível em: <https://br.pinterest.com> e <https://rodrigovivas.wordpress.com>.

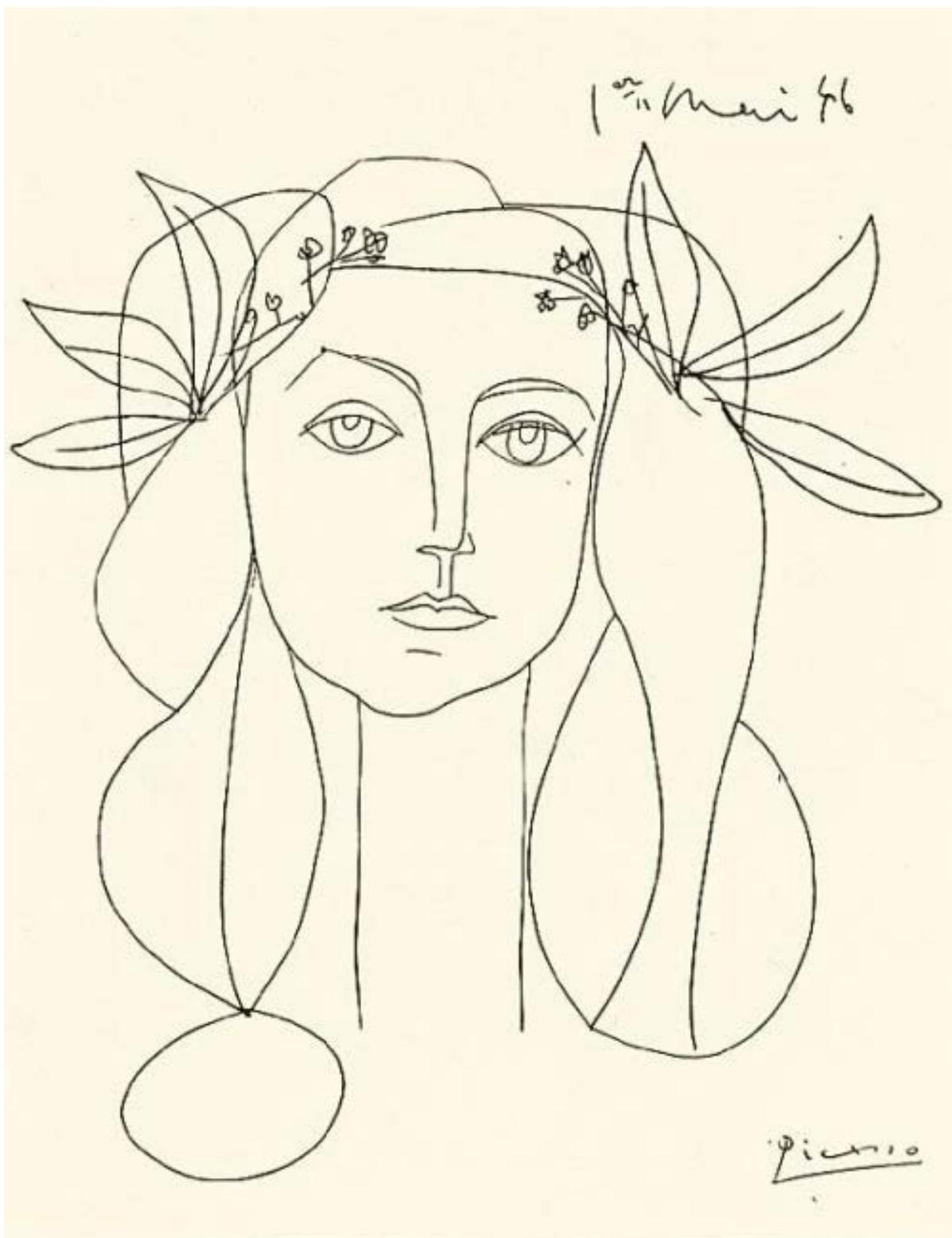


Figura 21 - Pablo Picasso. Desenho sem título, c. 1922. Lápis sobre papel, 42 x 31 cm, do caderno de esboços nº 77, p. 28. Coleção privada. FONTE: site do Pinterest, Disponível em: <https://br.pinterest.com> e <https://rodrigovivas.wordpress.com>.

Tarsila do Amaral

Tarsila do Amaral, grande representante do modernismo brasileiro, desenhista e pintora, rompendo com academicismo buscando uma arte de intenções nacionais e a simplicidade da forma.



Figura 22 e 22: Retrato de Graça Aranha e A samaritana, 1911, óleo s/ tela.
FONTE: Enciclopédia ITAU Cultural, Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br>.



Figura 23 - Esboço para A Negra, 1923.
FONTE: site do Pinterest, Disponível em: <https://br.pinterest.com>.

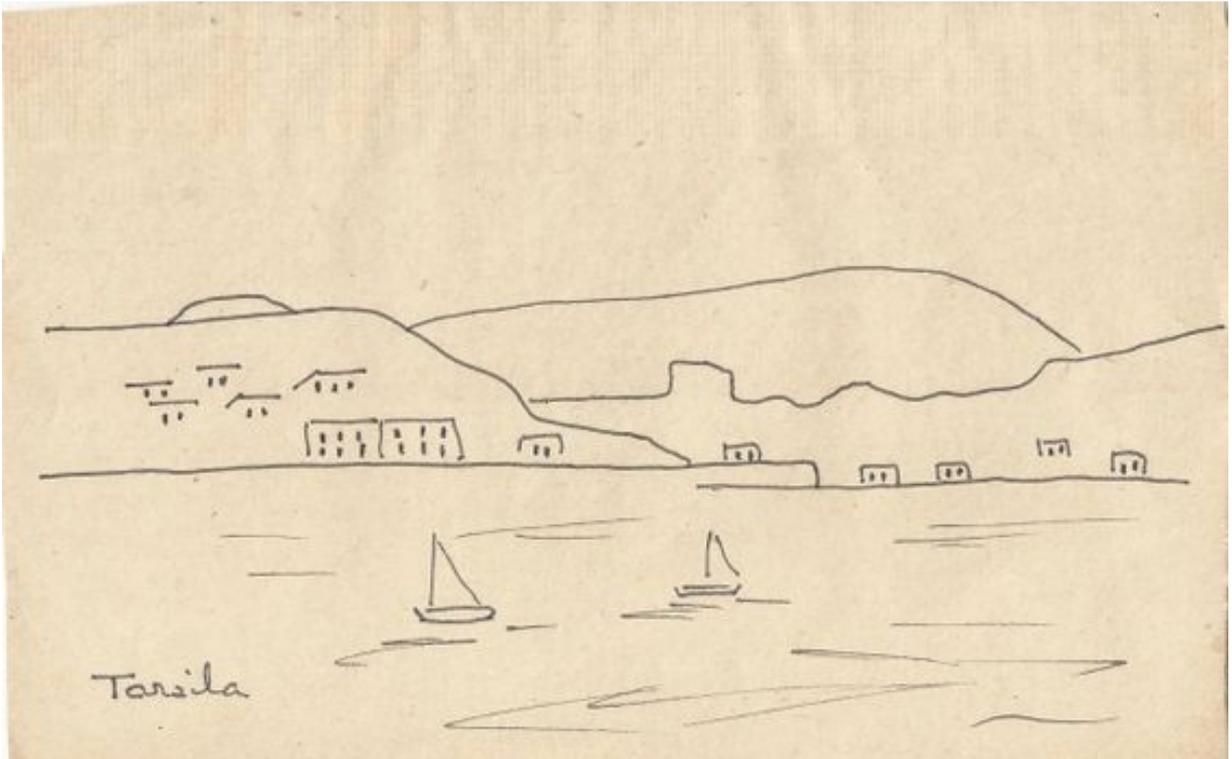


Figura 24 -Tarsila do Amaral, "Lago", Nanquim, 12 x 18 cm. FONTE: site do Pinterest, Disponível em: <https://br.pinterest.com>

Edith Derdik





Figura 25 e 26 - Edith Derdyk Rasures III – 1998

FONTE: “Quando a linha toma forma”, Disponível em: <http://www.ideafixa.com>.

Edith Derdik desenvolve pesquisas sobre o desenho que vai além da relação papel e lápis, tomando multiformas e funcionalidades, fazendo investigações sobre a relação do traço sobre espaço. Tem um profundo estudo acerca da linguagem do desenho, servindo de referência para muitos estudiosos e arte educadores.

Letícia Grandinetti



Figura 26 - Letícia Grandinetti | Objetos empilhados, 2010 | Grafite sobre papel | 31 x 20,5 cm. FONTE: Portfólio digital da artista, disponível em: <http://periscopio.art.br>.

Artista plástica, performer e ex-professora de desenho. Desenvolve pesquisas sobre prováveis relações sobre o desenho e performance. Letícia Grandinetti utiliza os objetos que serviriam como modelos para observação, e os inclui no processo de desenhar, resignificando o objeto e obtendo um novo resultado.



Figura 27 - Leticia Grandinetti | Série "Mapas", 2016 | Fotografia | 44 x 32 cm.
FONTE: Portfólio digital da artista, disponível em: <http://periscopio.art.br>.

Geórgia Kyriakakis

Trabalha principalmente com temas que envolvem instalação, desenho, arte contemporânea e materialidade. Geórgia Kyriakakis é formada em Artes Plásticas pela Fundação Armando Alvares Penteado, mestre e doutora em Artes pela Universidade de São Paulo. Leciona desde 1997 na Faculdade de Artes Plásticas da FAAP e no Centro Universitário Belas Artes, onde também atua na pós-graduação. Expõe regularmente desde 1986, em mostras coletivas e individuais, tendo recebido diversos prêmios desde então. Dentre eles, destacam-se: Premio Funarte de Arte Contemporânea (2012); Bolsa Vitae de Artes (2002); prêmio "O Artista Pesquisador" do Museu de Arte Contemporânea de Niterói (2001); Premio Brasília de Artes Plásticas (1992), entre outros.

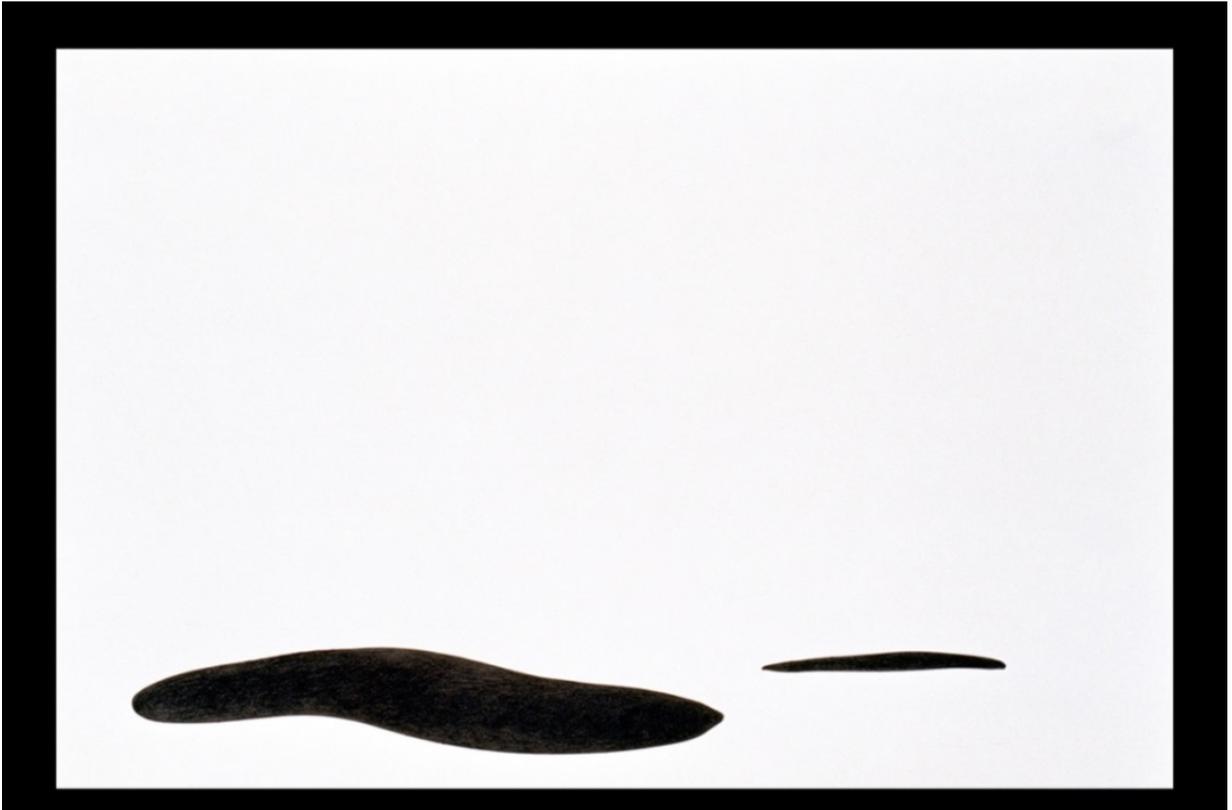


Figura 28 - Geórgia Kiriakakis, Continentes, 2002/2006. Técnica: grafite sobre papel, 35 cm x 45 cm. Fonte: Fotografia de Geórgia Kiriakakis. Disponível em: <<https://www.georgiakiriakakis.com.br/CONTINENTES>>

Nos trabalhos de Geórgia Kiriakakis, em relação ao desenho, ela faz um recorte das formas vistas em paisagens, em seu processo criativo utiliza fotos tiradas pela própria artista, onde ela destaca da fotografia as formas, isolando-as do restante da paisagem.



Figura 29 -Figuras 29 - Geórgia Kiryakakis, Continentes, 2002/2006. Técnica: grafite sobre papel, 35 cm x 45 cm. Fonte: Fotografia de Geórgia Kiryakakis. Disponível em: <<https://www.georgiakiryakakis.com.br/CONTINENTES>>

Jean-Michel Basquiat

Grafito, desenhista, pintor e gravurista, artista plástico afro-americano tornou-se um dos nomes mais importantes da década de 80. Possuía um trabalho fortemente intuitivo, agregando tudo que estava em seu redor na composição de suas obras. A arte de Basquiat, chamada de "primitivismo intelectualizado", uma tendência neoexpressionista, retrata personagens esqueléticos, rostos apavorados, rostos mascarados, carros, edifícios, policiais, ícones negros da música. Seu trabalho começou nas ruas de Nova York, alcançou as galerias e uma fama meteórica, dando status de arte ao grafite e sendo referência para arte urbana.

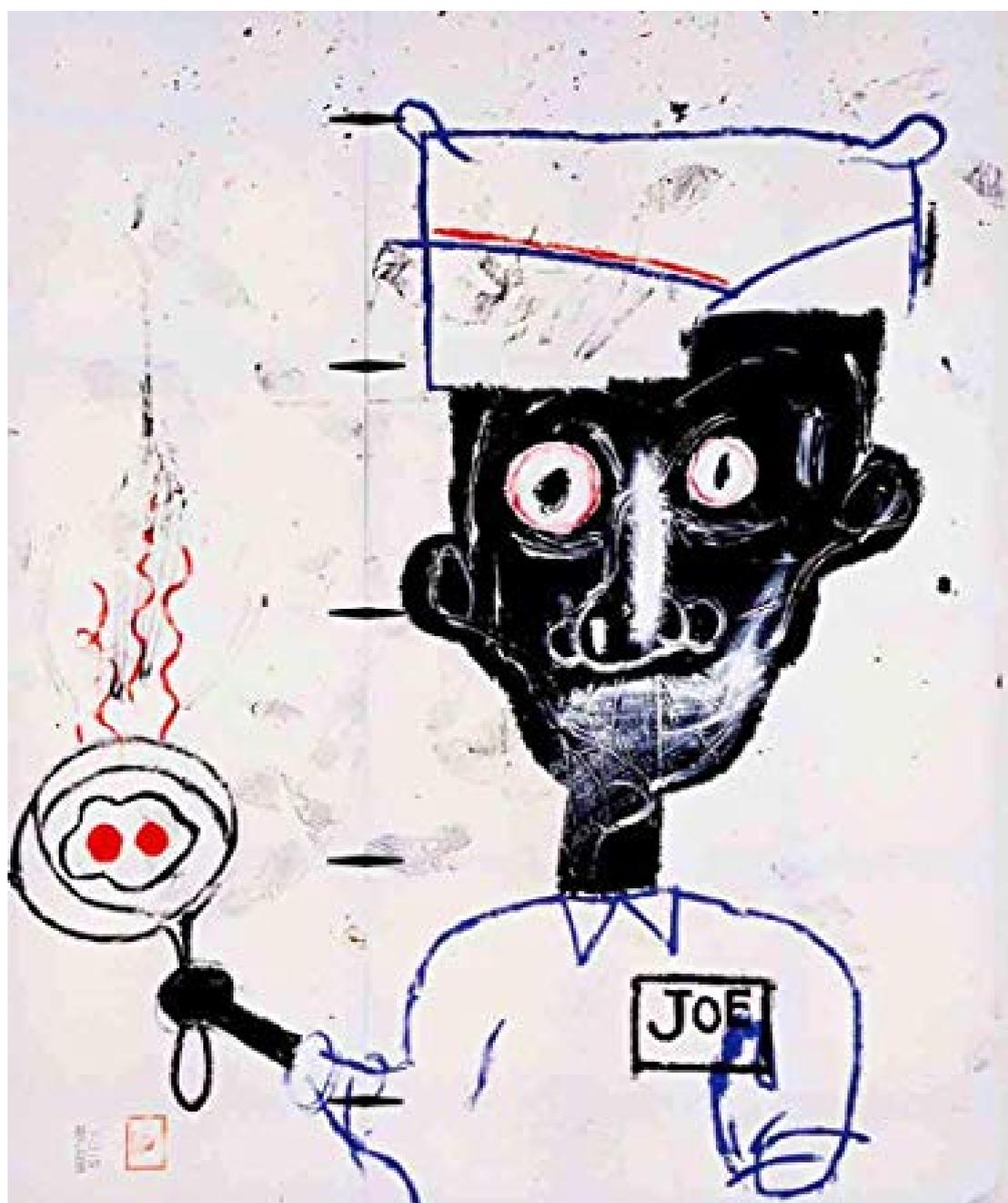


Figura 30 - Hollywood Africans, 1983. Fonte: Imagens do Google.



Figura 31 - Eyes end Egg, 1983. Fonte: Imagens do Google.

Fayga Ostrower

Trabalhou com gravura, desenho e ilustração. Era teórica de arte e professora, tendo como alunas Anna Bela Geiger e Lygia Pape. Foi fortemente influenciada pelo trabalho de Paul Cezane, que contribuiu abandonasse a figuração, migrando para um estilo mais abstrato.

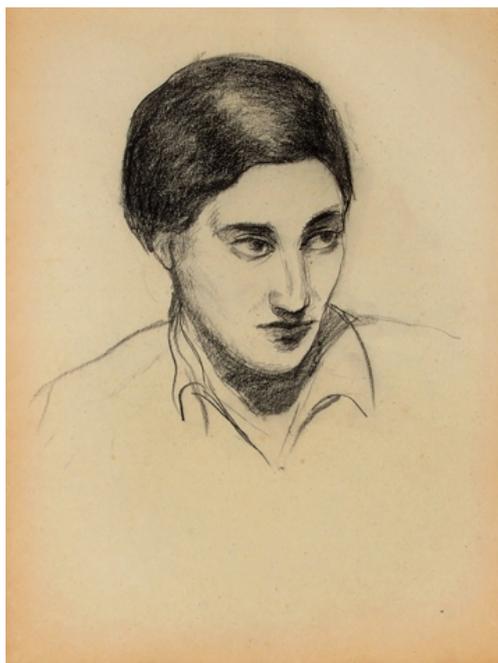


Figura 32 e 32 - Caderno de desenho, circa /1940, carvão sobre papel e 1942 carvão sobre papel 23,0 x 34,0 cm. Fonte: OSTROWER, Fayga. Caderno de desenhos Disponível em: <<https://faygaostrower.org.br/desenhos>>.



Figura 33 - Caderno de desenho, circa /1940, bico de pena sobre papel 23,0 x 34,0 cm.

Fonte: OSTROWER, Fayga. Caderno de desenhos
Disponível em: <<https://faygaostrower.org.brdesenhos.>>

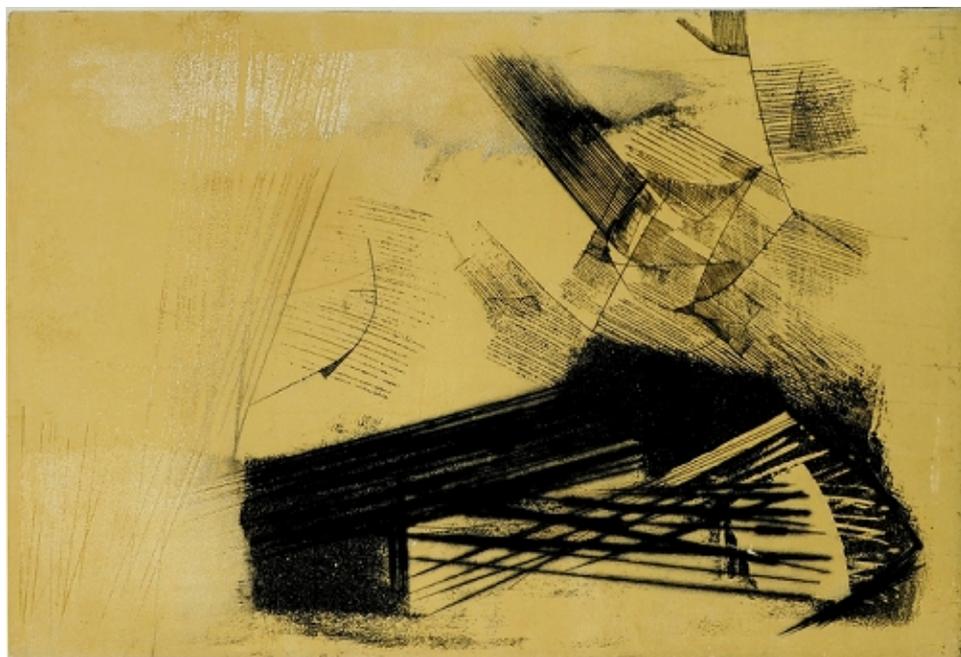


Figura 34 - Gravura de Água Forte, Água Tinta e Ponta Seca sobre papel – 1958 – Fayga Ostrower – Museu de Arte do Rio de Janeiro – RJ – Brasil.

Fonte: OSTROWER, Fayga. Caderno de desenhos
Disponível em: <https://faygaostrower.org.brdesenhos.>>

O intuito de apresentar imagens ao educando do ensino formal ou estudante de desenho é principalmente fazer com que ele construa um novo olhar sobre do que é desenhar, amplie seu repertório visual, rompendo seus conceitos e preconceitos, levando-o a se permitir desenhar. E com isso observar o mundo que o cerca, não como um relance, mas em seus mínimos detalhes retornando a acessar seu lado artístico, voltando a expressar o que sente em relação ao mundo e a si mesmo através da linguagem do desenho.

Muitos alunos em minha rápida experiência como professor de desenho, se interessavam pela arte do grafite, através das obras de Jean-Michel Basquiat, por exemplo, o que me faz inferir que poderia introduzir o estudo sobre arte de rua e inspira-los em suas produções, guiando-os para uma nova concepção de arte urbana.

Também desmereciam o rabiscado, classificando-o como não desenho, não arte, e através de artistas como Fayga Ostrower, Pablo Picasso e Tarsila do Amaral, foi possível fazê-los entender que até mesmo bons desenhistas influenciados ou inspirados por alguma motivação migraram para um desenho mais simples ou abstrato, mostrando que para o desenho não há certo ou errado, existe o desenho.

E através de artistas como Edith Derdik e Letícia Grandinetti, pode-se introduzir o conhecimento sobre a arte contemporânea, quebrando paradigmas sobre o desenho e a arte em si.

O intuito aqui consiste em ensinar e estimular a prática do desenho através das imagens, ampliando suas referências imagéticas. Mostrar que é possível aprender, e que não existe desenho belo ou feio, existe desenho, com a prática leva-se ao domínio da técnica, podendo, a partir disto, explorar novas possibilidades, assim como os artistas citados nesse capítulo, levando-os um novo entendimento sobre o desenho, sobre si e sobre o mundo que os cercam.

CAPÍTULO 5 – PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DO DESENHO

A partir da vivência e experiência adquirida nas oficinas ministradas aos alunos do ensino fundamental II, horário integral, e os pensamentos e pesquisas feitas para construção desse TCC, trago uma proposta de plano de aula de desenho com utilização de imagens com o intuito de ensinar arte, ampliar o repertório visual e despertar o interesse pela prática do desenho.

5.1 Oficina de desenho: “CORPO”

O projeto contemplaram alunos do ensino integral como proposta de atividade extracurricular. Nas aulas de desenho seriam ensinadas técnicas e experiências com materiais diversos, utilizando imagens de obras de arte para inspirar os alunos na produção artística individual e desconstruindo a visão do aluno sobre o desenho.

5.2 Metodologias de Ensino:

- Na apresentação de reproduções de obras arte onde a presença do corpo humano sera utilizada, sera abordado como cada artista explora o corpo humano em suas obras e suas técnicas, desde a arte clássica até a arte contemporânea.
- Construiremos uma pasta ou quadro de referências, com imagens aleatórias que lhe chamem a atenção, e com imagens de obras de artistas que os alunos se identificassem, construido uma biblioteca visual.
- Colocaremos em prática exercícios de desenho de observação com modelo vivo ou manequins. Os modelos poderam ser os próprios alunos.
- A cada fim de aula serão colocados todos os desenhos no centro, onde serão apreciados sem críticas aos trabalhos expostos.
- Técnicas serão aplicadas como desenho cego, desenhar o vazio, enxergar tons, proporção, luz e sombras e etc.

- A Partir das técnicas aprendidas partiremos para o desenho livre, levando o aluno a produzir a partir do que foi observado e da biblioteca visual construída.
- Utilizaremos materiais de familiaridade e acessíveis aos alunos, tais como, lápis, giz de cera, nanquim, caneta esferográfica, papel pardo. Suporte: papel A3, papel jornal, papel pardo, cartolina.
- Elaboraremos uma oficina de encadernação, para a construção do diário do artista, com o intuito de que os alunos introduzam em seu cotidiano o ato de desenhar, dedicando alguns minutos do seu dia ao desenho. Os cadernos serão apresentados ao professor no decorrer das aulas.
- Exposição dos Cadernos e dos trabalhos feitos nas aulas.

5.3 As Aulas:

- **Aula 1: O corpo representado**

Aula expositiva, com obras de artistas clássicos, modernos e contemporâneos, e como trabalham a figura do corpo em suas obras.

- **Aula 2: Construindo minha biblioteca visual**

A partir das imagens apresentadas pelo professor, o aluno terá que selecionar três artistas com os quais se identificou e se motivou para produzir algo e selecionando imagens do cotidiano, podendo ser fotos ou recortes. A partir disso será montada uma biblioteca visual para cada aluno de acordo com sua preferência. Depois de concluído, o aluno terá que apresentar para os demais, expondo suas preferências e o que gostou nas imagens apresentadas.

- **Aula 3: Diário do artista**

Esta aula será para elaboração do diário do artista, tamanho A4, onde o aluno irá desenhar escrever, rabiscar e etc. Os diários deverão ser apresentados para o

professor ao decorrer das aulas.

- **Aula 4: Partindo para prática**

Desenho de observação e de técnicas, para desenvolvimento dos alunos.

- **Aula 5: Meu primeiro projeto**

Desenvolver um projeto livre com tema proposto: “corpo”. Pode ser um desenho livre ou de observação, podendo consultar a biblioteca desenvolvida, não copiar, mas criar algo inspirado no que vê.

- **Aula 6: Desconstruir**

Utilizar a composição feita pelos alunos e desconstruir tudo até sobrar uma forma simples do que foi construído, podendo sobrar somente manchas ou linhas como, por exemplo, que mostra o processo de desconstrução da figura utilizada por Pablo Picasso.

- **Aula 7: Para que os outros vejam**

Exposição dos trabalhos feitos pelos alunos, mostrando toda sua evolução durante o projeto, podendo ser realizado no pátio da escola.

5.4 Recursos didáticos:

- Computador, caixa de som, projetor;
- Revistas, livros de arte, catálogos de exposições;
- Papel A3, cartolina, papel pardo, tesoura, fita crepe, giz, caneta, lápis (hb, 2b, 6b, 8b), giz de cera, carvão, patel seco, nanquim.
- Diário do artista: papel craft grosso, papel sufit A4, papel criativo, cola cascorez, pincel chato, pregadores, grampos, grampeador de estofado.

5.5 Objetivo:

O objetivo é ensinar desenho utilizando imagens para construção do repertório visual do aluno, colocando-o em contato com obras de arte e seus criadores, ao mesmo tempo ensinando a prática do desenho, também levando a construir sua identidade como indivíduo.

5.6 Bibliografia proposta:

BUORO, Anamélia Bueno, ***O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola.*** 5ª edição, São Paulo: Cortez 2001.

TIBURI, Márcia; CHUÍ, Fernando. ***Diálogo/Desenho.*** São Paulo: Editora Senac, 2010.

DERDYK, Edith. ***Disegno. Desenho. Designio*** | organização - São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2007.

DERDYK, Edith. ***Formas de pensar o desenho.*** São Paulo: Scipione, 1988.

EDWARDS, Betty. ***Desenhando com o artista interior.*** um guia inspirador para desenvolver seu potencial criativo. São Paulo Claridade, 2002.

EDWARDS, Betty. ***Desenhando com o lado direito do cérebro.*** 7. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. DERDYK, E. (org.).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Não existe desenhar bem ou desenhar mal, existe não desenhar.”

Shaydoh Tomaz.

Início aqui minhas considerações finais, coloco essa epígrafe a partir das questões discutidas. Ela auxilia como ponto de reflexão sobre o ensino do desenho e sua prática, pois partimos do princípio que não existem pessoas que desenhem bem ou mal, e sim pessoas que deixaram de lado o exercício do desenho.

Este trabalho teve como objetivo desenvolver a pesquisa no campo do ensino do desenho, utilizando a imagem como ferramenta, auxiliando na construção do repertório visual dos alunos, partindo para o ensino de técnicas de desenho e levando a uma desconstrução. Objetivou ainda mostrar novas possibilidades e construir a visão crítica e artística, auxiliando-os em seu processo de desenvolvimento cognitivo, aprimorando suas percepções sobre suas realidades e sobre si mesmos.

E ainda, quebrando principalmente a visão estereotipada que existe, impedindo o desenvolvimento do aluno, que por muitas vezes abdica do desenho por ser mal instruído. Levando a acreditar que se expressar através do traço é algo que vai além da compreensão humana, um mito empregado em nossas mentes, nos tornando inacessíveis à prática desta linguagem, nos tornando segos para o mundo e para nós mesmos. Levando-nos a rejeitar qualquer tipo de manifestação artística que fuja do padrão que nos agrada, sendo que desenhar é uma habilidade que pode ser ensinada e aprendida (Edwards, p. 29 2002).

O que me leva a questionar em meio a tantos argumentos levantados sobre o estudo da arte, o porquê não existe estudos mais aprofundados em relação ao desenho e seu ensino. O que se tem é pouco e muito do mesmo. É preciso um novo olhar sobre o ensino desta linguagem que nos acompanha desde os primórdios de nossas vidas, valorizando ainda mais o que já se tem aprendido e desenvolvendo novos entendimentos.

E através da utilização da exposição de imagens em sala de aula - tanto artísticas como corriqueiras – e sua leitura, apresentar novos artistas, principalmente

os contemporâneos e regionais, como acontece seu processo criativo, seus estilos e pesquisas, podendo despertar a curiosidade do aluno a desenvolver e habilidade de desenhar, e se expressar pela arte. Construindo um novo repertório e explorando o existente, levando a uma nova concepção sobre o desenho. Desta forma insisto em repetir mais uma vez: *“Não existe desenhar bem ou desenhar mal, existe não desenhar”*.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. *Arte como educação e cidadania* – por Ana Mae Barbosa, 2007. Disponível em:< <http://ensinandoartesvisuais.blogspot.com>>>. Acesso em: 19 de jun. 2018.

BATTISTONI FILHO, Duílio. *Pequena história da arte*. 14ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

BUORO, Anamélia Bueno. *O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola*. 5ª edição, São Paulo: Cortez 2001.

CAVALCANTI, Jardel D. A Imagem do corpo na História da Arte: Do corpo construído ao corpo destruído. III Encontro Nacional de Estudos da Imagem 03 a 06 de maio de 2011 - Londrina – PR, p.1518-1531, Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais2011/trabalhos/pdf/Jardel%20Dias%20Cavalcanti.pdf> Acesso em: 01 jun. 2018.

DERDYK, Edith. *Disegno. Desenho. Designio* | organização - São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2007.

DERDYK, Edith. *Formas de pensar o desenho*. São Paulo: Scipione, 1988.

EDWARDS, Betty. *Desenhando com o lado direito do cérebro*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. DERDYK, E. (org.).

GOMBRICH, E. H. *História da arte* (a). 16. Ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1999.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO – PPP - Centro de Ensino Fundamental 02 – CEF 02, Planaltina – DF.

TIBURI, Márcia; CHUÍ, Fernando. *Diálogo/Desenho*. São Paulo: Editora SENAC, 2010.

Refêrencias eletrônicas:

A Samaritana. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Culturas Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra61667/a-samaritana>>. Acesso em: 13 de Nov. 2018. Verbetes da Enciclopédia.

BASQUIAT, com ele o grafite alcançou o status de arte. Disponível em: <<http://sersibardari.com.br/basquiat-com-ele-o-grafite-alcancou-o-status-de-arte/>>.

Acesso em: 22 de Nov. 2018

DESENHO de Graça Aranha. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra35415/desenho-de-graca-aranha> >. Acesso em: 13 de Nov. 2018. Verbetes da Enciclopédia. .

GRANDINETTI, Leticia. Disponível em: <<http://periscopio.art.br/portfolio/leticia-grandinetti/>> Acesso em: 13 de Nov. 2018.

KYRIAKAKIS, Geórgia. *Continentes*. Disponível em: <<https://www.georgiakyriakakis.com.br/CONTINENTES>>. Acesso em: 13 de Nov. 2018.

Madona on line. Disponível em: <<http://madonnaonline.com.br/2018/02/02/jean-michel-basquiat-ex-namorado-da-madonna-esta-com-exposicao-em-sp/>> Acesso em: 13 de Nov. 2018.

OSTROWER, Fayga. *Caderno de desenhos* Disponível em: <<https://faygaostrower.org.br/component/phocagallery/3-desenhos/detail/937-caderno-de-desenhos?tmpl=component&Itemid=1> >Acesso em: 13 de Nov. 2018.

Quando a linhatoma forma. Disponível em: <<http://www.ideafixa.com/oldbutgold/quando-a-linha-toma-forma>>. Acesso em: 13 de Nov. 2018.

KYRIAKAKIS, Geórgia. Disponível em: <<http://www.ideafixa.com/oldbutgold/quando-a-linha-toma-forma>>. Acesso em: 13 de Nov. 2018>. Acesso em: 22 de Nov. 2018.

ANEXO 1

Oficina de Desenho: Projeto pedagógico para alunos de Ensino Fundamental II

Breve históricos do Centro de Ensino Fundamental 02 – CEF 02 – Planaltina – DF.



Centro de ensino fundamental 02 de Planaltina - DF, PAROQUIAL.

FONTE: Site Da Instituição De Ensino

Educação, tradição e desenvolvimento. Essas palavras têm significado especial para a população de Planaltina, no Distrito Federal, que elegeu como patrimônio efetivo um dos grandes pilares do crescimento do país: a escola. Tudo começou em 31 de julho de 1882, quando o Conselho Provincial do Rio de Janeiro aprovou a idéia de criar uma escola somente para homens na pequena Vila de Mestre D'Armas, em Goiás. As sete famílias que ali moravam se reuniram para

comemorar, rezar e agradecer ao padroeiro São Sebastião a criação da Aula de Primeiras Letras (Escola) e a oportunidade de educar seus filhos. Com o passar dos anos, a vila cresceu e se transformou na atual Planaltina, cidade-satélite do Distrito Federal.

Acompanhando o crescimento da cidade e a formação de seu povo, a Aula de Primeiras Letras não ficou parada no tempo. Em 08 de fevereiro de 1937, na residência de Dona Etelvina da Silva Campos, sob a presidência do Frei Benevenuto Casabrant se concretizava um sonho audacioso: criar uma escola para atender meninos e meninas de todas as camadas sociais, mudando o nome para Escola São Sebastião de Planaltina, apelidada carinhosamente de Escola Paroquial, por pertencer à Paróquia de São Sebastião. Foram designados os Protetores dessa escola: Manoel Ribeiro de Freitas, Horácio de Almeida Campos, Maria Abadia Bonfim e Olívia Campos Guimarães. Em 11/02/1938, a escola foi registrada na Secretaria de Educação do Estado de Goiás, sendo legalmente constituída.

Através do Ato nº 1438, de 30/10/1950 ocorre à transferência das Escolas Isoladas dos Municípios de Corumbá de Goiás e Aurilândia para o Município de Planaltina, com a denominação Escolas Reunidas São Sebastião, tendo como Diretora Dona Amélia Lopes Guimarães. Em 1954, tem-se registro de ser diretora a Professora Áurea Gonçalves. Em 1956, têm-se registros de, novamente, ser designada Escola Paroquial São Sebastião, com direção de Dona Amélia Lopes Guimarães. Em 1959, tem-se registro de ser diretora: Benita Jesus Guimarães. Com a inauguração de Brasília, em 1963, a Escola Paroquial São Sebastião deixa o prédio da Paróquia da cidade, passando a funcionar no endereço atual. Em 1968, tem-se registro de ser diretor, o Padre Carlos Jurandir Ribeiro. De 1969 a 1973, há registros de que a Diretora da Escola Paroquial São Sebastião era a Professora Selma Mundim Guimarães.

Em 07/06/1980, sob a Direção de Marisa Martelli Nascimento, a escola é transformada no Centro de Ensino de 1º Grau 02 de Planaltina. A Professora Marisa permanece frente à Direção de 1976 a 1985. Com essa designação, a escola teve os seguintes diretores, nos períodos: Nely Ribeiro de Castro, de 1986 a 1988; Magno Sérgio de Melo Neves, de 1989 a 1992; Gerson Miranda, de 1993 a 1994; Genesina Ferreira Badú Melo, de 1995 a 1997. Em 1996, o Centro de Ensino de 1º Grau 02 de Planaltina inova na cidade de Planaltina, sendo pioneira na implantação

da Escola Candanga. Nesse formato, as séries iniciais, de 1ª a 4ª Séries, teriam um professor regente no turno e, no turno contrário, os professores estariam em Coordenação Pedagógica. Tal atitude melhorou sobremaneira os resultados dos alunos.

A Lei nº 11.274, de 06 de fevereiro de 2006, alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9.394/96, ampliando a escolaridade mínima de 08 (oito) para 09 (nove) anos no Ensino Fundamental. Com essa reorganização, os sistemas de ensino tiveram que criar novo currículo e nova proposta pedagógica que proporcionassem às crianças de 06 (seis) anos usufruir o direito à educação, em um contexto mais voltado para a alfabetização e letramento (DCN, 2013). Para além do cumprimento de uma exigência legal, essa lei vem garantir o direito das crianças, especialmente daquelas que não tiveram oportunidades anteriores nas instituições educativas.

Em 2000, sob a Direção do Professor Alenir Gonçalves de Melo, o qual dirigiu a escola no período de 2000 a 2002; se transformou no Centro de Ensino Fundamental 02 de Planaltina, seu nome atual. Ainda nesse ano, todo o Ensino Fundamental (Séries Iniciais e Séries Finais) entrou na Jornada Ampliada. Nesse novo modelo, os professores lecionam em um turno e têm o outro turno destinado às Coordenações Pedagógicas.

O Centro de Ensino Fundamental de Planaltina faz parte da vida de grande parte dos habitantes, principalmente dos mais velhos, que estudaram aqui e hoje compartilham as lembranças de um tempo inesquecível. Com a construção de Brasília, essa memória ganhou um significado especial, já que a escola acompanhou todas as mudanças ocorridas na região.

Estrutura física

01 – Secretaria, 01 – Direção, 01 – Sala de Assistência, 01 – Sala de professores / Coordenação, 20 – Salas de aula, 02 – Instalações sanitárias – alunos – feminino, 02 – Instalações sanitárias – alunos – masculino 02 – Instalações sanitárias – professores e servidores, 01 – Sala para Equipe Especializada de Apoio à Aprendizagem, 01 – Sala de Recursos, 01 – Sala de leitura / Biblioteca, 01 – Almoxarifado 01 – Copa 01 – Sala de reprografia, 02 – Quadras de esporte sem

cobertura, 04 – Bebedouros, 01 – Auditório, 01 - Sala de Vídeo, 01 – Laboratório de Informática, 01 – Sala de Garrafa Pet, 01 – Sala de Pneu.



Sala feita com garrafa pet, onde os alunos do ensino integral almoçam e fazem outras atividades. FONTE: Site Da Instituição De Ensino.

Recursos humanos

01 – Diretor (a), 01 – Vice-diretor (a), 02 – Supervisores – Pedagógico e Administrativo, 01 – Secretário escolar, 04 – Coordenadores Pedagógicos, 01 – Coordenador da Escola Integral, 53 – Professores efetivos, 14 - Professores de contrato temporário, 06 – Merendeiros – Sendo 01 da Secretaria de Educação e 06 da empresa terceirizada G&E, 12 - Servidores da Empresa Terceirizada Juiz de Fora, 05 – Servidores Readaptados, 04 – Agentes de Vigilância Terceirizada Global, 01 – Agente de Portaria, 04 – Apoios Administrativos, 08 – Professores Readaptados, 02 – Professores na Sala de Recursos – 01 Ano finais 40h e 01 Ano Iniciais 20h, 00 – Professor na Sala de Apoio à Aprendizagem, 01 – Pedagogo, 01 – Psicólogo com 20h de jornada de trabalho.



Diretor do centro de ensino fundamental 02 – Planaltina – DF.

FONTA: Site da Instituição de Ensino.

Caracterizações da comunidade escolar

A CEF 02 de Planaltina situa-se no setor tradicional da cidade, com boa iluminação externa e rua em bom estado de conservação. A característica socioeconômica da população circundante remete-nos à classe média da população, o que é observável pelo aspecto das residências. O estabelecimento é conhecidamente antigo, pois se trata do primeiro estabelecimento de ensino da cidade, mas apresenta bom estado de conservação. Nas proximidades da escola, podemos perceber outras atividades: restaurante, papelaria, consultórios, sorveteria, escolas particulares, igreja, bombonière e residências. Percebe-se a presença de pais de alunos, principalmente nos horários de entrada e de saída de alunos. Fora desses horários, a todo tempo percebe-se a presença da comunidade escolar vindo tratar de assuntos diversos: empréstimo da escola conversa com professores, atendimento a convocações feitas, atendimentos das equipes de sala de recurso e pólo, além de serviços de secretaria. Atende-se nesta Instituição a 40 turmas de

Ensino Fundamental, sendo 20 de Séries Iniciais e 20 de Séries Finais. No turno matutino, estudam os alunos de 6º Ano ao 9º Ano, no Vespertino as turmas de 1º ao 5º Ano. Os professores regentes coordenam suas atividades e fazem seu planejamento em horário contrário ao da aula. Há uma sala específica para essa finalidade, porém o espaço disponível não é suficiente para atender a demanda.

Os professores reclamam por espaço e melhores instalações para o serviço desenvolvido na Coordenação Pedagógica Local. Os professores de 1º Ano ao 5º Ano organizam muitos materiais e confeccionam outros, as mesas ficam tomadas de materiais e, no horário do recreio, os professores ficam sem espaço, ficando, muitas vezes, sem ter onde se sentar no momento do intervalo, quando a outra equipe está em coordenação. Nos momentos de coordenação, os professores contam com o auxílio dos coordenadores pedagógicos, do supervisor pedagógico e da vice-diretora, que acompanha diretamente a parte pedagógica. Os professores fazem estudos nas coordenações coletivas (quarta-feira), atendem pais de alunos (segundas-feiras), fazem seu planejamento individual e confeccionam materiais, além de dar aulas de reforço nos outros dias da semana.

O corpo docente cumpre, criteriosamente, o horário destinado à coordenação pedagógica e reconhecem a importância desse espaço dialógico no ambiente escolar. Há a presença de estagiários e educadores sociais voluntários de escola integral e do atendimento a alunos ANEE'S (Alunos com Necessidades Educativas Especiais). O trato percebido entre professores é profissional e amigável, as temáticas das conversas são diversificadas nas coordenações coletivas, o grupo costuma dispor-se em círculo para as discussões. Por vezes, essas reuniões são realizadas no auditório da escola, devido ao espaço ser maior. Nessas reuniões, o grupo elenca os assuntos a serem tratados, os temas a serem estudados e as ações a serem desenvolvidas, semanalmente. Nas coordenações individuais e por área, os professores se juntam ou não, e trocam ideias, atividades e opiniões entre si.

Nessas reuniões são passadas informações gerais aos professores pelos coordenadores/supervisor/ vice-diretor. A liderança é percebida nas reuniões com papéis bem definidos pelos membros da direção/coordenação. Nota-se a observância a regras implícitas no ambiente escolar: assim que os alunos do matutino chegam, são organizadas filas por ano e turma em locais já determinados; no vespertino, os alunos organizam uma fila ao lado do muro da escola e entram em

ordem, entregando as carteirinhas logo na portaria. Nos dois turnos, estão sempre à equipe diretiva, os supervisores e dois coordenadores organizando a entrada, atendendo pais e alunos nos mais diversos casos. Apesar da organização percebida, ocorrem conflitos entre alunos. As pessoas responsáveis pela organização das entradas têm muitas atividades a serem realizadas em um curto espaço de tempo e se esforçam para resolver os conflitos surgidos.

A escola possui a participação de pais em Conselho de Classe e na composição do Conselho Escolar. A gestão de recursos é feita com a participação dos vários segmentos. Há também a participação direta de atores como Parceiros da Escola, que auxiliam de maneira intensa no cotidiano escolar com materiais, serviços e atendimentos. A escola não possui refeitório, apesar de ter atendimento integral e crianças das séries iniciais e finais.

O lanche escolar é levado às salas pelo pessoal da Empresa Terceirizada G&E. Há uma pequena cantina comercial, a qual se encontra fechada esse ano, aguardando decisão para reabrir ou desocupar o espaço escolar. Há tempos, a escola vem necessitando de uma reforma geral, o que é aguardado por toda comunidade escolar. Tal solicitação vem sendo feita à Secretaria de Educação ano a ano, mas até o momento, não recebemos respostas, e seguimos funcionando em um prédio antigo e que já não atende, plenamente, as demandas. A escola vem enfrentando um grande problema com relação à segurança na saída e na entrada dos turnos. Acontecem muitos assaltos e roubos nas mediações da escola, onde são sempre vistas pessoas alheias ao ambiente e à comunidade escolar.

São feitas reuniões com a comunidade local, onde são elencadas as prioridades para utilização da verba, em ata própria. A Prestação de contas é divulgada em mural específico, no rol de entrada da escola e em reuniões bimestrais. A limpeza e conservação da escola vêm sendo realizadas pela Empresa Terceirizada Juiz de Fora. Contam também com os serviços terceirizados da Empresa G&E, na Cantina Escolar. Um aspecto positivo do ano vigente foi à chegada de orientador Educacional nesta Unidade de Ensino. Tal profissional tem papel fundamental na escola, e para esse ano, pretendem colocar várias ações/projetos em prática, melhorando a aprendizagem e a convivência de nossos alunos.

O Projeto Educativo: Desenho na escola para alunos do ensino integral

A oficina de desenho foi à tarde de 14 horas às 15h30min horas, nas quintas-feiras, para alunos do ensino integral.

Metodologia de Ensino

Oficinas de desenho de observação para auxiliar na construção do desenho e despertar o aluno para o mundo que o cerca.

Será utilizado materiais de familiaridade e acessíveis aos alunos, tais como, lápis, borracha, giz de cera, folha A3 branca, papel pardo.

Propor um caderno de artista para os alunos envolvidos, com o intuito de que eles introduzam em seu cotidiano o ato de desenhar. Dedicando uns minutos do seu dia ao desenho. O caderno será apresentado ao professor no decorrer das oficinas. Possível exposição dos Cadernos e dos trabalhos feitos nas oficinas.

- **Atividade proposta:**

Os alunos irão expor seu conhecimento sobre desenho, suas opiniões, o que gostam e o que não gostam e o que é desenho para eles e sua importância. E assim entraremos em um rápido conceito de desenho.

- **Mão na massa:**

Os alunos irão produzir desenhos a partir da observação. Será colocado um modelo no centro do círculo, assim os alunos irão desenhar o modelo. Dois desenhos de 10 minutos e um de 5 minutos, totalizando 25 minutos cronometrados.

- **Fim da aula:**

Serão colocados todos os desenhos no centro onde apreciaremos o resultado da aula sem críticas aos trabalhos expostos. Exercícios apenas de cunho apreciativo.

- **Recursos didáticos:**

Papel A, caneta, lápis, giz de cera.

- **Objetivo:**

O objetivo desta aula é fazer com que o aluno tem uma experiência diferente com o ato de desenhar, entender que tal prática esta presente no mundo em sua volta, nas pessoas, nos animais, nos objetos e nas paisagens. E que até hoje é um meio de comunicação e uma forma de expor idéias.

SHAYDOH TOMAZ DA SILVA

**CONSTRUINDO PARA DESCONSTRUIR: EXPLORANDO O REPERTÓRIO
VISUAL NO ENSINO DO DESENHO.**

Trabalho apresentado ao Curso de Graduação em Artes Visuais do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília – UnB como parte dos requisitos para a obtenção do título de licenciado.

Banca Examinadora:



Profa. Dra. Cinara Barbosa de Sousa IDA/ UnB – Orientadora



Profa. Dra. Rosana de Castro IDA/UnB – Coordenadora de Graduação



Prof. Dr Luiz Carlos Pinheiro Ferreira IDA/ UnB

Brasília - DF, 20 de novembro de 2018.